

Instituto Superior de Ciências da Saúde Norte - ISCSN

Adaptação do Questionário Como Eu Penso

André Valente Araújo Ramos

2011



**INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NORTE**

André Valente Araújo Ramos

Adaptação do Questionário Como Eu Penso

Dissertação apresentada no Instituto Superior de Ciências da Saúde-Norte (ISCS-N) para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense e da Transgressão, sob orientação do Prof. Mestre Ernesto Paulo Fonseca, do ISCS-N.

AGRADECIMENTOS

Nesta fase final de etapa de formação de Mestrado, quero agradecer a todos os professores do Mestrado de Psicologia Forense e da Transgressão, por toda a sua dedicação, esforço e apoio, que realizaram ao longo destes dois anos de formação, na tarefa de conduzir e ensinar, a mim e aos meus colegas, neste ramo da Psicologia.

Agradeço ao Professor Mestre Ernesto Fonseca, por toda a sua dedicação, apoio e orientação na realização desta Tese de Mestrado.

Agradeço, de igual modo, aos meus colegas de Mestrado e particularmente ao Ivo e à Cristina por toda a ajuda e amizade que sempre demonstraram ao longo deste curso.

O meu especial agradecimento vai para os meus pais e para a minha tia Jú por todo o esforço e o incansável apoio, que de forma incondicional, me proporcionaram ao longo deste curso.

Por fim, mas não em último, quero agradecer aos meus entes queridos que já não se encontram presentes em vida, mas cuja memória mantenho viva, por todo o apoio, amor e carinho que sempre desempenharam na minha vida pessoal, formativa e no enorme papel que tiveram na minha construção enquanto pessoa.

ÍNDICE

Adaptação do Questionário Como Eu Penso	1
Adaptação do Questionário Como Eu Penso	2
Resumo.....	iv
Abstract	vi
Introdução.....	1
I – Distorções cognitivas e comportamento anti-social.....	4
1 – Cognição	5
2 – Distorções cognitivas.....	6
3 – Teorias cognitivas do comportamento anti-social	7
3.1 - As técnicas de neutralização de Sykes e Matza.....	7
3.2 - Os erros de pensamento característicos do criminoso de Yochelson e Samenow	8
3.3 - O modelo tipológico de Gibbs, Potter e Goldstein	9
4 – Distorções cognitivas e desenvolvimento da moral.....	11
5 – Distorções cognitivas e comportamento anti-social	12
II – Instrumentos de Medida das distorções cognitivas auto-centradas.....	15
1 – Primeiras instrumentos de medida das distorções cognitivas.....	16
2 – Questionário Como Eu Penso (CEP).....	18
2.1 – Evolução do CEP	18
2.2 – Estrutura do CEP.....	18
2.3 – Consistência interna	20
2.4 – Estatística descritiva.....	21
2.4 – Correlações de Ordem Zero (Pearson).....	23
3 - Definição de objectivos e hipótese	25
III – Adaptação do Questionário Como Eu Penso	26

1 – Amostra	27
2 – Procedimento	27
3- Instrumento.....	28
4 - Tratamento de dados	28
5- Resultados	29
4.1 – Consistência interna	29
4.2 - Valores normativos	29
4.3 – Correlações de Ordem Zero (Pearson).....	31
5- Discussão dos resultados	33
Conclusão	35
Bibliografia	38
Anexo	42
Questionário “Como Eu Penso”	43
Anexo	46
Artigo	47

Resumo

O comportamento anti-social tem sido estudado, nos últimos anos, sobre diversas teorias e campos do saber.

Quando se perspectiva o comportamento anti-social enquanto fenómeno cognitivo, o conceito mais emergente refere-se às distorções cognitivas, mais concretamente às distorções cognitivas de auto-serviço.

As distorções cognitivas de auto-serviço são responsáveis pela origem e manutenção do comportamento anti-social, do comportamento agressivo e da delinquência.

Na explicação da forma como funcionam estas distorções cognitivas, Gibbs, Potter e Goldstein (1995) enunciaram uma tipologia das distorções cognitivas de auto-serviço, dividindo-as em distorções cognitivas de auto-serviço primárias e distorções cognitivas de auto-serviço secundárias, bem como procederam à sua repartição por quatro categorias: Auto-centrada; Culpar os Outros; Minimizar/Rotular Mal; Assumir o Pior.

A investigação deste tipo de distorções cognitivas e a sua relação com o comportamento anti-social tem sido bastante efectiva nos últimos anos. As distorções cognitivas de auto-serviço têm sido associadas e estudadas em estreita relação com conceitos como: Comportamentos cobertos e abertos; comportamentos de internalização e externalização e raciocínio moral.

Este estudo de investigação, tem como objectivo a adaptação do How I Think Questionnaire - HIT (questionário Como Eu Penso - CEP), que mede distorções cognitivas de auto-serviço, à população portuguesa.

A amostra do estudo é constituída por 75 sujeitos, sendo 30 do grupo dos delinquentes e 45 dos não delinquentes, em que a idade média da amostra é de $15.97 \pm .93$. Não existem diferenças significativas quanto à idade entre os 2 grupos em estudo. Com efeito, a idade média do grupo dos delinquentes é de $16.17 \pm .83$ e a do grupo dos não delinquentes é de $15.87 \pm .97$ ($t = 1.295$; $gl = 66$; ns.). Quanto ao sexo, 61 dos jovens são do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Não existem diferenças significativas em termos de distribuição da variável sexo pelos dois grupos em estudo ($\chi^2 = .132$; $gl = 1$; ns.).

Neste estudo, O CEP obteve valores satisfatórios em relação às características psicométricas avaliadas, bem como resultados favoráveis na diferenciação das distorções cognitivas de auto-serviço na amostra de delinquentes em relação à amostra normativa, em que a amostra de delinquentes exibe valores referentes às distorções cognitivas de auto-serviço mais elevados do que a amostra normativa.

Abstract

The anti-social behavior has been studied in the recent years on several theories and fields of knowledge.

When the anti-social behaviour is in the perspective of a cognitive phenomenon, the more emerging concept refers to cognitive distortions, more specifically the self-serving cognitive distortions.

Self-serving cognitive distortions are responsible for the origin and maintenance of antisocial behavior, aggressive behavior and delinquency.

In explanation of these cognitive distortions, Gibbs, Potter, and Goldstein (1995) have articulated a typology of cognitive distortions of self-service, dividing them into primary self-serving cognitive distortions and secondary self-serving cognitive distortions, and proceeded to their breakdown into four categories: Self-centered, Blaming Others, Minimizing / Mislabeled, and Assuming the worst.

The research of this type of cognitive distortions and their relationship with antisocial behavior has been quite effective in recent years. Cognitive distortions of self-service have been studied and associated closely with concepts such as covered and open behaviors, internalizing and externalizing behaviors and moral reasoning.

This investigation study aims to adapt the How I Think Questionnaire - HIT (How I Think Questionnaire - CEP), which measures self-serving cognitive distortions, to the Portuguese population.

The study sample consists of 75 subjects, 30 of the group of 45 offenders and non offenders, where the average age of the sample is $15.97 \pm .93$. There are no significant differences in age between the two study groups. Indeed, the average age group of offenders is $16:17 \pm .83$ and the group of non-offenders is $15.87 \pm .97$ ($t = 1, 295, df=66, ns.$). Regarding the sex, 61 young people are male and 14 female. There are no significant differences in terms of the distribution of sex by the two study groups ($\chi^2 = .132, df = 1, ns.$).

In this study, the CEP has obtained satisfactory results in relation to psychometric characteristics evaluated, as well as favorable results in the differentiation of self-serving cognitive distortions in the sample of offenders in relation to the normative sample, in which the sample of offenders displays values related to cognitive distortions of self-service higher than the normative sample.

Introdução

As causas do comportamento anti-social há muito que têm sido exploradas sobre as mais diversas perspectivas e teorias, através de fundamentações mais ou menos complexas.

O comportamento anti-social é perspectivado como um comportamento de exteriorização que directa ou indirectamente prejudica os outros através da violação de importantes normas morais e/ou sociais, estando incluídos os comportamentos de agressividade e delinquência (Barriga, Gibbs, Liao & Potter, 2001).

De acordo com as teorias da cognição social, os indivíduos reagem às interpretações que fazem dos eventos sociais, sendo o comportamento anti-social encarado como o resultado de interpretações deficientes ou erróneas destes eventos, ou seja, resulta das suas distorções cognitivas (Nas, Brugman, & Koops, 2008). As distorções cognitivas permitem, deste modo, que os indivíduos racionalizem, pensamentos, atitudes e crenças que normalmente conduzem as pessoas a problemas emocionais e comportamentais (Liao, Barriga, & Gibbs, 1998).

As distorções cognitivas têm sido enunciadas por muitos investigadores como factores da máxima importância para a compreensão, predição e tratamento do comportamento anti-social (Barriga, Gibbs, & Liao, 1998).

Segundo Liao et. al (1998), existe uma forte relação entre as distorções cognitivas e o comportamento anti-social, indicando que os indivíduos que recorrem regularmente e excessivamente a este tipo de distorções cognitivas têm maior probabilidade de enveredar por comportamentos anti-sociais (Bogestad, Hagan, & Kettler, 2009).

Deste modo, torna-se muito importante avaliar as distorções cognitivas. Um dos instrumentos mais usados recentemente e que se tem demonstrado muito eficaz, prático e com excelentes propriedades psicométricas em termos de fidelidade e validade é o How I Think Questionnaire – HIT.

O presente estudo tem como objectivo a adaptação do How I Think Questionnaire – HIT (Questionário Como Eu Penso – CEP) à população portuguesa.

O primeiro capítulo deste trabalho diz respeito à cognição e a sua relação com o comportamento anti-social, em que serão abordados aspectos relativos à cognição e distorções cognitivas, bem como as teorias cognitivas do comportamento anti-social. O segundo capítulo refere-se aos instrumentos usados para medir as distorções cognitivas, fazendo uma retrospectiva das medidas que foram criadas neste sentido e referindo-se ao próprio CEP. No terceiro e último capítulo é apresentada a investigação

propriamente feita com o CEP na população portuguesa, bem como aos resultados obtidos, discussão dos mesmos e apresentação da respectiva conclusão.

I – Distorções cognitivas e comportamento anti-social

Neste capítulo é apresentado um corpo teórico que se refere à cognição e ao conceito de distorções cognitivas. São também apresentadas as teorias cognitivas do comportamento anti-social, mais concretamente as técnicas de neutralização de Sykes e Matza, os erros de pensamento característicos do criminoso de Yochelson e Samenow e o modelo tipológico de Gibbs, Potter e Goldstein. É ainda apresentada a relação entre as distorções cognitivas e o desenvolvimento da moral, assim como entre as distorções cognitivas e o comportamento anti-social.

1 – Cognição

A característica principal do estudo dos processos cognitivos é a analogia entre os processos cognitivos e os processos computacionais do processamento de informação, isto é, a metáfora do computador. Desta forma, a mente humana é um sistema de processamento de informação, sendo importante estudar os processos computacionais que ocorrem entre a apresentação do estímulo e a emissão da resposta (Álvaro, & Garrido, 2003).

No âmbito da cognição social é importante o estudo sobre a forma como o conhecimento da realidade se encontra representado no sistema cognitivo do ser humano (Álvaro, & Garrido, 2003).

No estudo da Psicologia Cognitiva, o conceito mais emergente é a noção de esquema, que, segundo Bartlett (1932) designa uma estrutura cognitiva que engloba as figurações do conhecimento acerca de um determinado e específico campo de estímulos. Estes esquemas são importantes para os processos de memória, sendo estruturas activas das experiências anteriores, determinando o modo como as novas informações são recebidas (Álvaro, & Garrido, 2003; Young et al., 2003).

O conceito de esquema é usado também por Piaget, nos anos 30, referindo-se a organizações sensório-motoras inatas no organismo, que são responsáveis pela maturação cognitiva e é a partir da sua interacção com o meio que resulta o conhecimento, no qual os processos de assimilação e acomodação são de extrema importância (Golse, 2001).

As novas informações podem ser integradas em esquemas previamente estabelecidos ou incluídos em novos esquemas se necessário. Contudo, é de salientar que cada novo esquema se forma e organiza a partir das informações passadas e adquiridas pelo organismo (Golse, 2001).

Da mesma forma, Beck, a partir da teoria do processamento da informação, define esquema como uma estrutura cognitiva que tem sentido e interior próprio. Ou seja, são crenças que organizam e intervêm no processamento da informação que chega ao indivíduo. Os esquemas são responsáveis pelo início e manutenção do processamento da informação, seleccionando, apreendendo, conferindo prioridade e organização à informação (Beck, 2005).

Em suma, no estudo da cognição é importante estudar os processos responsáveis pelo processamento da informação e que ocorrem entre o estímulo e a resposta. Existem estruturas cognitivas com significado e conteúdo específico que são responsáveis pela organização e pelo processamento da informação dos indivíduos, a partir do qual ocorrem os comportamentos.

2 – Distorções cognitivas

Segundo Crick e Dodge (1994), as distorções cognitivas referem-se ao esquema geral ou a passos particulares que comprometem o processamento da informação em diversas fases como a codificação, a representação mental, a clarificação de objectivos, o acesso à geração de potenciais respostas, a avaliação de respostas, a selecção da resposta, o custo da resposta. Assim, de acordo com a teoria do processamento de informação social, as distorções cognitivas são enviesamentos que ocorrem no processamento de informação social, desde que esta entra no sistema (estímulo) até à respectiva resposta comportamental.

As distorções cognitivas são, deste modo, atitudes, pensamentos e crenças que se consideram como falsas ou imprecisas, correspondendo, assim, a formas erróneas ou tendenciosas de estar ou de aplicar significado às situações ou experiências (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

Segundo Gibbs (1995, pp.43-44) “as distorções cognitivas são atitudes ou crenças não verídicas que estão enraizadas na pessoa e na sua conduta social. O viés egocêntrico constitui com efeito uma distorção cognitiva natural na criança pequena (...) a persistência desta distorção egocêntrica na adolescência coloca o indivíduo em alto risco no sentido do comportamento anti-social, dado o tamanho, força, independência, impulsos sexuais e capacidades do ego dos adolescentes” (Castro, & Martins, 2007).

Barriga, Landau, Stinson, Liau e Gibbs (2000) introduziram o termo auto-degradação para descrever as distorções cognitivas associadas à internalização de

comportamentos e o termo auto-serviço para descrever as distorções cognitivas associadas a comportamentos de externalização (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

As distorções cognitivas de auto-degradação, cujo papel tem sido reconhecido por investigadores e técnicos na área clínica, durante décadas, são responsáveis pelo aparecimento nos indivíduos de sintomatologia de depressão, ansiedade e comportamentos relacionados com a inibição e com a procura de afastamento e retiro em relação às outras pessoas (Barriga, & Gibbs, 1996).

As distorções cognitivas de auto-serviço têm um papel bastante diferente das distorções cognitivas de auto-degradação. Com efeito, tanto a nível teórico como no campo experimental, as distorções cognitivas de auto-serviço têm sido descritas como estando na origem do comportamento anti-social, do comportamento agressivo e da delinquência (Dodge et al., 1990 cit in Barriga, & Gibbs, 1996).

De acordo com as teorias sócio cognitivas, os indivíduos agem de acordo com a interpretação que fazem das ocorrências sociais. O comportamento anti-social resulta, assim, de deficiências na interpretação dos eventos sociais, ou seja, resulta das distorções cognitivas (Nas, Brugman, & Koops, 2008).

Em suma, as distorções cognitivas são formas erróneas ou tendenciosas de conferir sentido às experiências, podendo ser divididas em distorções cognitivas de auto-degradação e distorções cognitivas de auto-serviço. As primeiras estão associadas à comportamentos de internalização, enquanto as segundas estão relacionadas com comportamentos de externalização, nomeadamente o comportamento anti-social.

3 – Teorias cognitivas do comportamento anti-social

Os trabalhos precursores do estudo da cognição aplicada à delinquência e ao comportamento anti-social prendem-se com as abordagens construtivistas das técnicas de neutralização de Sykes e Matza (1957) e dos erros de pensamento característicos do criminoso, enunciados por Yochelson e Samenow (1976, 1977, 1986).

3.1 - As técnicas de neutralização de Sykes e Matza

Para Sykes e Matza (1957), o comportamento anti-social é, tal como qualquer outro comportamento, aprendido em interação com o meio social, e o sistema de valores de muitos delinquentes é comum ao das pessoas normativas. Os delinquentes apresentam, inclusive, sentimentos de culpa em relação aos actos que cometem.

Coexistem, assim, nos delinquentes, valores contrários. De um lado, estão presentes os valores normativos e que são comuns à maioria dos indivíduos, por outro lado, estão representados os valores que provêm do contacto com a população delincente. Segundo Sykes e Matza (1957), os delinquentes recorrem a estratégias cognitivas, denominadas de técnicas de neutralização, que lhes permitem anular a incoerência causada pela existência de valores opostos.

As técnicas de neutralização são consideradas estruturas de pensamento envolvidas no comportamento dos indivíduos que facilitam o seu comprometimento em actos delinquentes. Ocorre alteração do significado da realidade, mais concretamente na modificação dos valores e das intenções, que constituem inicialmente obstáculos à prática dessas acções delinquentes (Sykes, & Matza, 1957). Assim, as técnicas de neutralização correspondem, portanto, a formas de minimizar o conflito interno entre o auto-conceito dos delinquentes e o seu comportamento criminal (Barriga, & Gibbs, 1996, Barriga, Landau, Stinson, Liau, & Gibbs, 2000, Gibbs, 1993).

Destacam-se, sobretudo, 5 técnicas de neutralização: i) a negação da responsabilidade em que a responsabilidade da acção não é sua, mas sim externa; ii) a negação do dano em que se considera não haver grande dano para a vítima com a acção prejudicial; iii) a negação da vítima em que a acção é reconhecido como forma de justiça; iv) a condenação dos condenados que considera que, no fundo, o que a pessoa faz de mal, os outros também fazem; v) o apelo a lealdades mais elevadas, ou seja, a prática do acto tem justificação num conjunto de normas mais importantes do que as comuns normativas (Sykes, & Matza, 1957).

Em suma, para Sykes e Matza, nos delinquentes coexistem valores contrários, nomeadamente os das pessoas normativas. No sentido de anular o conflito entre as suas acções anti-sociais e os valores normativos, os delinquentes recorrem à estratégia cognitiva denominada técnicas de neutralização.

3.2 - Os erros de pensamento característicos do criminoso de Yochelson e Samenow

Os trabalhos de Yochelson e Samenow (1976, 1977, 1986) são, igualmente, importantes para o estudo da associação entre os processos cognitivos e o comportamento delincente.

Yochelson e Samenow (1976, 1977, 1986) centram o estudo nos processos e nas significações do crime, a partir do pensamento do sujeito, considerando-o construtor do

seu percurso de vida. Através deste estudo dos padrões de pensamento e da sua relação com o comportamento delincente, estes autores chegaram à concepção da existência de “erros de pensamento característicos do criminoso” que se englobam quer os padrões de pensamento criminal, quer os erros automáticos do pensamento.

Os padrões de pensamento criminal são considerados “traços de carácter” que se encontram presentes tanto nas pessoas delinquentes, como nas normativas. É no seu conjunto e organização que os padrões de pensamento criminal ganham importância para o comportamento delincente. Os autores identificam 16 padrões de pensamento criminal: energia, medo, estado zero, raiva, orgulho, força do poder, sentimentalismo, religião, pensamento concreto, fragmentação, sensação de ser único, perfeccionismo, sugestibilidade, solitário, sexualidade, mentir (Yochelson, & Samenow, 1976, 1977, 1986).

Os erros automáticos do pensamento correspondem a estruturas imediatas de pensamento que facilitam a passagem às acções delinquentes. Foram identificados 16 tipos de erros automáticos do pensamento: canal fechado, “não posso”, fazer-se de vítima, ausência de perspectivação temporal, dificuldade em colocar-se no papel do outro, dificuldade em assumir que prejudica os outros, incapacidade de assumir obrigações, incapacidade de assumir iniciativas responsáveis, sentimento de posse, medo de sentir medo, falta de confiança, recusa em estar dependente, falta de interesse em realizar actos responsáveis, pretensiosismo, incapacidade de realizar esforços ou de enfrentar adversidade, fraca capacidade de tomada de decisão para uma vida responsável (Yochelson, & Samenow, 1976, 1977, 1986).

Concluindo, para Yochelson e Samenow, os padrões de pensamento criminal e os erros automáticos de pensamento, através do seu conjunto e organização, permitem explicar o comportamento delincente.

3.3 - O modelo tipológico de Gibbs, Potter e Goldstein

As distorções cognitivas de auto-serviço podem ser divididas em distorções cognitivas primárias e secundárias (Gibbs, & Potter, 1993; Gibbs et al., 1995; Barriga & Gibbs, 1996; Gibbs, 1991; Gibbs 1993).

As distorções cognitivas primárias dizem respeito a atitudes, pensamentos e crenças caracteristicamente auto-centradas que podem ser observadas clinicamente em delinquentes (Barriga, & Gibbs, 1996, 1998; Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001). As distorções cognitivas primárias correspondem ao que Yochelson e Samenow (1976,

1977) denominaram de conceito de “direito de propriedade” (*ownership*) definido no sentido de realizar aquilo que cada um deseja (Barriga, & Gibbs, 1996).

As distorções cognitivas secundárias têm como função servir de suporte às distorções cognitivas primárias. Correspondem a racionalizações de pré ou pós-transgressão com a função de neutralizar a consciência ou aliviar/eliminar a culpa, prevenindo deste modo, que a sua auto-imagem de comportamento anti-social seja ameaçada (Sykes, & Matza, 1957; cf. Bandura, 1991; Redl, & Wineman, 1957, p.146 cit in Barriga, & Gibbs, 1996). As distorções cognitivas secundárias previnem, assim, o stress que advém das consequências das distorções cognitivas de auto-serviço primárias (Barriga, & Gibbs, 1996, Chambers, Day, Eccleston, Howells, Ward, 2008).

As distorções cognitivas primárias e secundárias do modelo tipológico de Gibbs, Potter e Goldstein encontram-se divididas em quatro categorias (Auto-Centrada; Culpar os Outros; Minimizar/Rotular Mal; Assumir o Pior). As distorções cognitivas primárias correspondem à categoria Auto-Centrada do modelo de classificação das distorções cognitivas, enquanto as distorções cognitivas secundárias correspondem às três restantes categorias do modelo de classificação das distorções cognitivas, isto é, às categorias Culpar os Outros; Minimizar/Rotular Mal; Assumir o Pior (Gibbs, 1991, 1993, Gibbs, Potter, & Goldstein, 1995).

A distorção cognitiva Auto-centrada, por definição, assenta na perspectiva da própria pessoa, nas expectativas, necessidades, direitos e sentimentos no momento, assim como em desejos a um nível em que os pontos de vista das outras pessoas são desvalorizados ou nem sequer tidos em conta (Barriga, & Gibbs; 1996, 1998, Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001; Chambers, Day, Eccleston, Howells, Ward, 2008).

Pela distorção cognitiva Culpar os Outros atribui-se a culpa a fontes externas, principalmente a outras pessoas, grupos ou a um estado alterado, como, por exemplo, estar sob o efeito de substâncias ou em estados transitórios de humor. Noutros casos, atribui-se a culpa quer à tendência de vitimação de algumas pessoas, quer ao seu azar.

Através da distorção cognitiva Minimizar/Rotular Mal considera-se que o comportamento anti-social não causa grande perigo para os outros, podendo até mesmo ser aceitável e admirável. Esta distorção permite, também, referir-se aos outros de uma forma desumana (Barriga, & Gibbs, 1996).

Finalmente, a distorção cognitiva Assumir o Pior conduz à atribuição de intenções hostis a outros, ou à construção do pior cenário possível numa situação social, como se algo fosse inevitável; noutras situações, parte-se do princípio que é impossível

uma melhoria no comportamento do próprio ou dos outros (Barriga, & Gibbs, 1996, Epkins, & Frey, 2002, Bogestad, Hagan, & Kettler, 2009).

As distorções cognitivas de auto-serviço secundárias e a sua função intersectam a teoria das técnicas de neutralização enunciada por Sykes e Matza.

Em suma, Gibbs Potter e Goldstein (1995) enunciaram um modelo tipológico para classificar as distorções cognitivas presentes nos delinquentes enunciando quatro categorias: Auto-Centrada; Culpar os Outros; Minimizar/Rotular Mal; Assumir o pior que contemplam as distorções cognitivas de auto-serviço primárias e secundárias bem como a sua função no estabelecimento e manutenção do comportamento delinquente.

4 – Distorções cognitivas e desenvolvimento da moral

A teoria estrutural cognitiva de Kohlberg, (1969) é, provavelmente, a teoria mais bem conhecida sobre o desenvolvimento da moral. Esta teoria postula que o raciocínio e as justificações dos indivíduos para o seu comportamento mudam à medida que estes se desenvolvem. O julgamento moral progride do raciocínio egocêntrico (nível convencional) até à consideração das necessidades das outras pessoas e da sociedade (nível convencional) (Begum, & Palmer, 2006). Segundo Kohlberg, as interações entre as cognições e as experiências sociais resultam no desenvolvimento de um julgamento moral mais maduro (Holst, Langstrom, Lardén, & Melin, 2006).

Segundo Gibbs, Potter e Goldstein (1995, p.44), o julgamento moral reflecte “a norma cognitiva-estrutural de qualquer sociedade”, incluindo as leis formais e os valores informais da sociedade (Palmer, 2005). Ainda segundo estes autores, o atraso no desenvolvimento sociomoral é um egocentrismo e um raciocínio imaturo persistente, que se encontra num indivíduo após a pré-adolescência (Holst, Langstrom, Lardén, Melin, 2006). A “cognição” refere-se neste aspecto ao julgamento moral para designar padrões básicos ou estruturas de pensamento maduro ou imaturo (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 1996).

O atraso no desenvolvimento sóciomoral é muitas vezes suportado por distorções cognitivas de auto-serviço. Estas promovem o comportamento delinquente, preservando uma auto-imagem de uma pessoa que não causa mal aos outros, ou seja, protegem os indivíduos de dissonância cognitiva entre a auto-imagem e o comportamento delinquente (Holst, Langstrom, Lardén, & Melin, 2006).

Gibbs (1993, 1995, 2003) demonstrou a relação entre os processos do julgamento moral e as distorções cognitivas, especificamente entre o tipo de distorções

cognitivas de auto-serviço que podem contribuir para a persistência do julgamento moral imaturo para além da infância. As distorções cognitivas primárias são tendências egocêntricas que se encontram na infância, mas que se diluem com a progressão do indivíduo na adolescência, à medida que se tornam menos centrados em si próprio e capazes de se enquadrarem nas perspectivas dos outros. O julgamento moral nos estádios mais baixos está impregnado deste tipo de tendências egocêntricas, tomada de perspectiva social baixa e ênfase nas necessidades pessoais ao invés dos outros. O papel destas distorções cognitivas primárias é, pois, reforçado por outras distorções cognitivas, neste caso denominadas secundárias, que têm a função de neutralizar a consciência ou aliviar/eliminar a culpa, tornando viável o comportamento para o indivíduo (Sykes, & Matza, 1957; cf. Bandura, 1991; Redl, & Wineman, 1957, p.146 cit in Barriga, & Gibbs, 1996; Palmer, 2003, 2005).

Em conclusão, as distorções cognitivas de auto-serviço estão em íntima relação com o desenvolvimento da moral, nomeadamente promovendo o comportamento delinvente, contribuindo para a sua persistência e contribuindo para a manutenção de um julgamento moral imaturo.

5 – Distorções cognitivas e comportamento anti-social

A interpretação que cada indivíduo faz de uma determinada situação ou experiência contribui para a sua reacção emocional ou comportamental a essa mesma situação ou experiência (Kendall, 1991 cit in Barriga et al., 2000), sendo as distorções cognitivas formas inapropriadas de conferir significado à experiência (Barriga, Gibbs, Landau, Liao & Stinson 2000). Deste modo, alguns problemas de comportamento são definidos em função do seu significado cognitivo (Dodge, 1993 cit in Barriga, Gibbs, Landau, Liao & Stinson, 2000).

Os problemas de comportamento podem estar relacionados com problemas ao nível da internalização (por exemplo, isolamento, queixas sintomáticas, depressão e ansiedade) ou com comportamentos de externalização, podendo, neste caso, traduzir-se em delinquência e agressividade (Achenbach, 1991, Epkins, & Frey, 2002).

As pessoas que recorrem frequentemente ao uso ou abuso de distorções cognitivas têm, pois, maior probabilidade de exibir psicopatologia (Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001). A investigação estabeleceu, também, uma ligação entre as distorções cognitivas e o comportamento delinvente. A associação das distorções cognitivas quer com a psicopatologia, quer com o comportamento delinvente são

justificadas pelo facto das distorções cognitivas possibilitarem aos indivíduos racionalizarem determinadas atitudes, crenças e/ou pensamentos, acabando muitas vezes por levar a comportamentos problemáticos (Bogestad, Hagan, & Kettler, 2009).

No que diz respeito às distorções cognitivas de auto-degradação, os indivíduos com problemas de internalização degradam o *Self* contribuindo de forma directa ou indirecta para a auto-destruição (Barriga, Gibbs, Landau, Liau & Stinson 2000).

De acordo com Barriga et al (2000), as distorções cognitivas que estão associadas ao comportamento de externalização são as de auto-serviço, protegendo o auto-conceito, desinibindo a agressividade e o comportamento. Nos indivíduos com problemas de externalização, as distorções cognitivas de auto-serviço têm sido descritas como tendências de processamento enviesadas, como por exemplo, atribuir intenções hostis a outros (Dodge, 1993; Kendall, 1991 cit in Barriga, Gibbs, Landau, Liau & Stinson 2000).

O comportamento anti-social é perspectivado como um comportamento de exteriorização, que directa ou indirectamente, prejudica outras pessoas através da violação de importantes normas sociais e/ou morais, incluindo actos agressivos ou delinquentes, em que as distorções cognitivas têm um papel importante na génese e na manutenção da actividade anti-social (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

As distorções cognitivas na externalização podem ser consideradas criminógenas, no sentido em que protegem o *Self* da culpa ou do auto-conceito negativo, desinibindo assim a agressividade ou outro comportamento delinvente. Este mecanismo de auto-serviço está implícito como mecanismo separação da moral na teoria da aprendizagem social de Bandura (1991). Do mesmo modo, podemos encontrá-lo nos mecanismos de defesa do ego na teoria psicodinâmica (Redl, & Wineman, 1957 cit in Barriga, Gibbs, Landau, Liau, & Stinson 2000), bem como nas neutralizações de Sykes e Matza (1957).

Relacionada com a associação entre as distorções cognitivas e o comportamento anti-social estão, também, as noções de comportamentos abertos e comportamentos cobertos.

Os comportamentos anti-sociais abertos consistem em actos de confrontação, como lutar, discutir ou alteração do temperamento (Loeber et al., 1991). Os comportamentos anti-sociais designados por cobertos são actos ocultos, como mentir, incendiar coisas ou roubar (Loeber et al., 1991).

Segundo Liao, Barriga e Gibbs (1998) existem, ainda, outras distinções em relação aos tipos de comportamento anti-social aberto e coberto, que, apesar de terem designações diferentes, são similares em termos categoriais e na sua especificidade. São exemplos, a dicotomia agressão-roubar, em Patterson, ou a distinção entre comportamento delinquente socializado e comportamento delinquente sub-socializado, enunciado por Quay.

Um estudo realizado por Barriga Gibbs e Liao (1998), tendo em conta a relação entre as distorções cognitivas de auto-serviço e o comportamento anti-social aberto e coberto, concluiu que há uma relação significativa entre as distorções cognitivas de auto-serviço e o comportamento anti-social nos delinquentes e nos não delinquentes. Com efeito, verificou-se que as distorções cognitivas abertas estão associadas com uma trajectória significativa para a frequência do comportamento anti-social aberto e não com a prática de comportamento anti-social coberto. Por seu lado, as distorções cognitivas cobertas relacionam-se com a frequência do comportamento anti-social coberto e não com o aberto (Barriga, Gibbs, & Liao, 1998).

Em conclusão, o comportamento delinquente é um comportamento de exteriorização que pode assumir uma forma ou coberta, em que as distorções cognitivas protegem o auto-conceito dos delinquentes dos seus aspectos comportamentais negativos, estando as distorções cognitivas associadas aos problemas do comportamento traduzidos no referencial aberto e coberto do comportamento, se bem que a correspondência existe entre distorções cognitivas abertas e o comportamento aberto e as distorções cognitivas cobertas relacionadas com o comportamento coberto.

II – Instrumentos de Medida das distorções cognitivas auto-centradas

Esta secção refere-se a uma retrospectiva das primeiras formas de medir as distorções cognitivas até à construção do CEP. É apresentada a evolução do CEP, bem como a sua estrutura, consistência interna, estatística descritiva e correlações de Pearson. O capítulo termina com a definição dos objectivos da presente investigação e da respectiva hipótese considerada.

1 – Primeiras instrumentos de medida das distorções cognitivas

Na procura de uma forma objectiva e fiável para medir as distorções cognitivas de auto-serviço associadas à delinquência, foram construídos, ao longo do tempo, diversos instrumentos.

O primeiro instrumento a ser criado neste âmbito foi o “Balls Neutralization Scale” (1966,1973) em relação directa com a teoria da neutralização de Sykes e Matza (1957) (Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001). Este instrumento encontrava-se em ligação com o comportamento delinvente auto-reportado. Contudo foi muito criticado, sobretudo, por exigir um nível de leitura e escrita que a maioria dos delinquentes não apresentava e era um instrumento constituído por 108 itens, ou seja, era demasiado longo. Esta escala foi posteriormente sujeita a versões adaptadas por outros investigadores, tais como Shields e Whitehall’s que desenvolveram a “modified Neutralization Scale”. Contudo, esta escala foi criticada por não acrescentar nada de novo na medida de atitudes criminais, tendo sido considerada supérflua na predição da delinquência, para além de o seu preenchimento ser feito oralmente, tendo que ser aplicada individualmente e sob orientação de um avaliador e não poder ser aplicada em contexto de grupo (Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001).

Mitchell et al. desenvolveram a Neutralization Index, também baseada na “Balls Neutralization Scale”. As correlações obtidas entre a escala e a delinquência foram bastante fracas e as seguintes versões desta escala não apresentavam suficiente investigação com a população delinvente, não passando de estabelecer apenas uma relação com o comportamento delinvente auto-reportado (Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001).

A “Propensity to Neutralize Measure” (Radosevich & Krohn, 1981) foi outra medida desenvolvida com base na teoria de Sykes e Matza. Esta escala postulava como hipótese, que a neutralização encontrava-se em correlação inversa com a teoria do julgamento moral de Kohlberg, mas esta hipótese não se verificou em investigação

posterior. Para além disso, apresentava problemas psicométricos, nomeadamente baixa fidelidade e validade externa limitada (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

Garvin construiu o questionário “Measure of Automatic Thinking Errors - MATE (1990), sob influência da teoria dos erros de pensamento característicos do criminoso de Yochelson e Samenow, mas surpreendentemente, uma amostra de delinquentes obteve uma cotação mais baixa neste questionário do que uma amostra constituída por população normativa. Resultados semelhantes a este foram obtidos na avaliação de uma outra escala construída por Slaby e Guerra (1988), o “Beliefs Questionnaire” (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

Outra escala construída para medir distorções cognitivas de auto-serviço foi a Criminal Sentiments Scale, desenvolvida por Gendreau, Grant, Leipziger, and Collins (1979), a partir da qual Shields e Simourd (1991) criaram uma versão modificada que possibilitou diferenciar jovens delinquentes predadores de jovens delinquentes não predadores que se correlacionava com problemas de ajustamento e com a predição de reincidência (Shields & Whitehall, 1994 cit in Barriga, Gibbs, Liau, e Potter, 2001).

O “Psychological Inventory of Criminal Thinking Styles” - PICTS (Walters, 1995; Walters, Elliot, & Miscoll, 1998) foi outro questionário construído neste âmbito com boa consistência interna e boa fidelidade, mas que só se aplicava a populações encarceradas (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

Bandura (1995), também, criou uma medida para as distorções cognitivas o “Multifaceted Scale of Mechanisms of Moral Disengagement”, mas que apresentava fracos resultados e só se aplicava a crianças (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

Conclui-se, assim, que muitos instrumentos foram criados na tentativa de medir as distorções cognitivas de auto-serviço. Contudo, muitos falharam por incluírem excessivamente muitas dimensões ou por serem definidos de uma forma muito fechada e estreita nas dimensões que contemplavam. Foram, ainda, encontrados problemas nestas medidas de validade e fidelidade, bem como problemas relacionados com o tempo de administração, leitura e condições de administração dos instrumentos. Para além destes problemas, estas medidas não tinham em conta formas de detecção de respostas suspeitas, hipócritas ou incompetentes, nem foram referenciados de forma normativa em relação a amostras representativa não encarcerada (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

2 – Questionário Como Eu Penso (CEP)

O questionário Como Eu Penso foi construído para medir distorções cognitivas de auto-serviço com boa fidelidade e validade, de uma forma compreensiva e exclusiva deste tipo de distorções cognitivas numa grande variedade de condições (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

2.1 – Evolução do CEP

O questionário Como Eu Penso sofreu alterações e foi melhorado ao longo do seu desenvolvimento. Barriga e Gibbs (1996) construíram a primeira versão deste questionário, que era constituída por 52 itens referentes às distorções cognitivas de auto-serviço e por 8 itens que constituíram a escala de respostas anómalas, que foi avaliada psicometricamente através de uma amostra de desenvolvimento (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

A versão preliminar apresentou na sua avaliação uma fidelidade teste re-teste $r(135) = .91$, $p < .0001$, no espaço de intervalo de uma semana e uma boa consistência interna de .96 através do alfa de Cronbach. Esta versão do questionário correlacionou-se ainda com duas medidas do comportamento anti-social auto-reportado e teve um sucesso parcial na discriminação de grupos de critério (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

A validação da versão final do questionário usou resultados psicómétricos recolhidos a partir de cinco amostras localizadas na região centro-oeste americana. Uma das amostras serviu como um "refinamento" para a amostra. Foram realizadas análises de itens com base na amostra refinamento para gerar a versão final do questionário CEP. De acordo com os mesmos critérios psicómétricos, 5 itens referentes às distorções cognitivas de auto-serviço, 4 itens da escala AR, e 1 item PF foram retirados e foi adicionado 1 item para as distorções cognitivas de auto-serviço (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

2.2 – Estrutura do CEP

A versão final do CEP assenta numa construção 4X4 (Barriga e Gibbs, 1996; Pealer, 2007), isto é, 4 categorias das distorções cognitivas de auto-serviço e 4 das categorias do comportamento anti-social derivado das Perturbação de Comportamento (PC) e Perturbação de Oposição (PO) do Manual Diagnóstico e Estatístico de

Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*), conforme Tabela 1.

Tabela 1: Estrutura do Questionário CEP

		Distorções Cognitivas				Totais
		Auto centrada	Culpar os Outros	Minimizar/ Rotular Mal	Assumir o Pior	
Perturbação de Comportamento e Perturbação de Oposição	Perturbação de Oposição	37, 42, 54	6, 46	12, 40	2, 18, 29	10
	Agressão Física	10, 28	36, 44, 50	5, 19	15, 23, 32	10
	Mentir	3, 52	21, 26	14, 33	8, 49	8
	Furtar	7, 22	11, 25, 39	17, 30, 47	35, 43, 53	11
	Totais	9	10	9	11	39

Tabela adaptada de Barriga, Gibbs, Liau & Potter, 2001

Nota. Itens de Respostas Anómalas (RA): 4, 13, 20, 27, 31, 38, 45, 51 = 8

Itens da Carga Positiva: 1, 9, 16, 24, 34, 41, 48 = 7

As 4 categorias das distorções cognitivas de auto-serviço são: i) Auto-Centrada a que corresponde os itens 3, 7, 10, 22, 28, 37, 42, 52, 54; ii) Culpar Outros que engloba os itens 6, 11, 21, 25, 26, 36, 39, 44, 46, 50; iii) Minimizar/ Rotular Mal com os itens 5, 12, 14, 17, 19, 30, 33, 40, 47; iv) e, finalmente, a categoria Assumir o Pior que incluiu os itens 2, 8, 15, 18, 23, 29, 32, 35, 43, 49, 53 (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

Por seu lado, o comportamento anti-social aferido a partir da Perturbação de comportamento e Perturbação de Oposição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) mede: i) Desrespeito por regras, leis ou autoridades PO é medido através dos itens 2, 6, 12, 18, 29, 37, 40, 42, 46, 54; ii) Agressão Física com os itens 5, 10, 15, 19, 23, 28, 32, 36, 44, 50; iii) Mentir que engloba os itens 3, 8, 14, 21, 26, 33, 49, 52; iv) e, por fim, Furtar que inclui os itens 7, 11, 17, 22, 25, 30, 35, 39, 43, 47 e 53 (Barriga, Gibbs, Liau, & Potter, 2001).

A partir das oito subescalas são derivadas 3 escalas, nomeadamente:

Escala aberta (EA) - referente ao comportamento de confronto directo com a vítima é composta por itens das escalas Perturbação de Oposição e Agressão Física;

Escala coberta (EC) – comportamento anti-social não confrontativo proveniente das escalas Mentir e Furtar.

As oito subescalas constituem um resultado total final contemplado na Escala Total (Bogestad, Hagan, & Kettler, 2009).

Oito itens de controlo, nomeadamente os itens 4, 13, 20, 27, 31, 38, 45 e 51 foram incluídos neste questionário como forma de detectar falta de sinceridade, inadequação da resposta ou respostas suspeitas, constituindo assim as Respostas

Anómalas (RA). Se nesta escala se obtiver uma média escore de 4.25 ou superior, o questionário é considerado inválido. Resultados entre 4.00 e 4.24 são considerados suspeitos e de interpretação cautelosa (Bogestad, Hagan, & Kettler, 2009).

Os itens 1, 9, 16, 24, 34, 41, 48 são denominados Carga Positiva e não são cotados. Estes itens têm um carácter pró-social e permitem contrabalançar o conteúdo negativo dos itens que medem as distorções cognitivas e as respostas anómalas, bem como conferir camuflagem para a intenção dos itens (Barriga, & Gibbs, 1996).

2.3 – Consistência interna

O CEP, em geral, evidencia uma consistência interna muito boa, em diferentes amostras de jovens, nomeadamente em amostras que apresentam comportamentos delinquentes, desordens do comportamento ou em amostras normativas, Tabela 2. Com efeito, nos estudos realizados, os valores de α de Cronbach do CEP Total, independentemente do tipo de amostra, são sempre maiores ou iguais a 0.90 Barriga e Gibbs, (1996), Barriga, Gibbs, Liau e Potter (2001) Nas, Brugman e Koops (2008), Klatt (2008).

Tabela 2: α Cronbach do CEP e das subescalas em diferentes estudos.

Estudo	Escala	α Cronbach
Barriga & Gibbs, 1996	CEP Total	.96
Barriga, Gibbs, Liau & Potter, 2001		>=.92
Nas, Brugman & Koops, 2008		>=.90
Klatt, 2008		.94
Barriga, Gibbs, Liau & Potter, 2001	AC	>=.73
	CO	>=.76
	MRM	>=.79
	AP	>=.71
	PO	>=.63
	AF	>=.71
	M	>=.70
	F	>=.83
	RA	>=.66
	CP	>=.51
	EA	>=.83
	EC	>=.87
	RA	.64
Barriga & Gibbs, 1996	AC; CO; MRO; AP, OD; AF; M; R	>= .78
Nas, Brugman & Koops, 2008	AC; CO; MRO; AP, OD; AF; M; R; RA	>= .66
	A	>= .83 B
	C	>= .87 B

Legenda: CEP- Como Eu Penso (Escala Total); AC- Auto-centrada; CO- Culpar os Outros; MRM- Minimizar/Rotular Mal; AP- Assumir o Pior; PO – Perturbação de Oposição; AF- Agressão Física; M- Mentir; F -Furtar; RA- Respostas Anómalas; CP – Carga Positiva; EA- Escala Aberta; EC- Escala coberta.

No estudo de Barriga e Gibbs (1996) e na investigação de Barriga, Gibbs, Liau e Potter, com exceção da escala PO no primeiro destes estudos, os valores do α de Cronbach são razoáveis ou bons para as quatro categorias de distorções cognitivas e para as quatro categorias do comportamento anti-social do DSM IV-R (2001). Na investigação de Nas, Brugman e Koops (2008) os valores do α de Cronbach são, no mínimo, fracos para todas as distorções cognitivas e para todas as categorias do comportamento anti-social. A consistência interna das sub-escalas EA e EC é boa, sendo os valores de .83 e de .87, respectivamente, na investigação de Barriga, Gibbs, Liau e Potter (2001), única que apresenta valores de consistência interna para estas escalas.

Quanto às escalas RA e CG, os valores do α de Cronbach são, em geral, fracos, sendo os valores da escala CG no estudo Barriga, Gibbs, Liau e Potter (2001), mesmo inadmissíveis.

2.4 – Estatística descritiva

A estatística descritiva para todas as escalas, encontrada em diferentes estudos e com diferentes amostras é apresentada na Tabela 3. As amostras com jovens delinquentes apresentam, no CEP total, como valor médio mais elevado $3.37 \pm .87$ e como mínimo $2.49 \pm .50$, enquanto as amostras da população não delincente têm, no CEP total, como média mais alta $2.92 \pm .78$ e como mais baixa $2.36 \pm .58$. Desta forma, pode concluir-se que existe uma tendência para as populações delincente terem valores médios superiores aos da população normativa no CEP Total.

No que diz respeito às escalas das distorções cognitivas, o estudo de Barriga, Gibbs, Liau & Potter (2001) com uma amostra mista, o valor médio mais elevado situa-se em $2.59 \pm .89$, para AC, e o mínimo em $2.51 \pm .87$, para AP.

Ainda quanto às distorções cognitivas, os estudos de Barriga & Gibbs (1996) e de Nas, Brugman & Koops (2008) apresentam estatísticas descritivas para populações delinquentes e não delinquentes, manifestando, tendencialmente, os jovens delinquentes valores médios mais elevados dos que os não delinquentes nas quatro escalas das distorções cognitivas. Com efeito, entre os valores observados, a população delincente regista como valores mais elevados $2.87 \pm .90$, $2.92 \pm .81$, $2.87 \pm .84$ e 3.20 ± 1.02 para as escalas AC, CO, MRM e AP, respectivamente. Por seu lado, a população não

delincente apresenta como valores mais elevados $2.86\pm.79$, $2.98\pm.96$, $2.73\pm.86$ e $3.14\pm.92$ nas escalas AC, CO, MRM e AP, respectivamente.

Tabela 3: Médias e Desvio-Padrão do CEP e subescalas em diferentes estudos.

Escala	Estudo Barriga, Gibbs, Liau & Potter, 2001			Barriga & Gibbs, 1996		Nas, Brugman & Koops, 2008		Klatt, 2008
	D	ND	M	D	ND	D	ND	D
CEP (escala total)	3.24 ± 0.98	2.71 ± 0.75		2.92 ± 0.82	2.92 ± 0.78			3.37 ± 0.87
	2.90 ± 0.73	2.36 ± 0.58			2.42 ± 0.80			2.49 ± 0.50
	3.01 ± 0.99	2.60 ± 0.65						
		2.59 ± 0.85						
	3.17 ± 0.96							
	PC							
AC			2.59 ± 0.89	2.87 ± 0.90	2.86 ± 0.79	2.79 ± 0.86	2.69 ± 0.67	
					2.31 ± 0.81			
CO			2.56 ± 0.92	2.87 ± 0.94	2.98 ± 0.96	2.92 ± 0.81	2.72 ± 0.73	
					2.43 ± 0.80			
MRM			2.52 ± 0.94	2.77 ± 0.82	2.73 ± 0.86	2.87 ± 0.84	2.69 ± 0.67	
					2.27 ± 0.91			
AP			2.51 ± 0.87	3.20 ± 1.02	3.14 ± 0.92	2.78 ± 0.76	2.58 ± 0.66	
					2.71 ± 0.88			
PO			2.76 ± 0.86					
AF			2.69 ± 0.90					
M			2.82 ± 0.93					
F			2.18 ± 0.90					
RA			2.71 ± 0.82	2.21 ± 0.59	2.36 ± 0.54	3.37 ± 0.89	3.31 ± 0.71	
					2.34 ± 0.59			
CP			5.28 ± 0.70			5.07 ± 0.56	5.24 ± 0.37	

Legenda: D - Delinquentes; ND - Não Delinquentes; PC - Problema de Comportamento; M - Mista. CEP- Como Eu Penso (Escala Total); AC- Auto-centrada; CO- Culpar os Outros; MRM- Minimizar/Rotular Mal; AP- Assumir o Pior; PO - Perturbação de Oposição; AF- Agressão Física; M- Mentir; F - Furtar; RA- Respostas Anómalas; CP - Carga Positiva.

Nas categorias do comportamento anti-social, o estudo de Barriga, Gibbs, Liau & Potter (2001) com uma amostra mista, em que o valor mais elevado se situa em $2.82\pm.93$ para a escala M e o valor mais baixo em $2.18\pm.90$ para a escala R.

Gibbs, Liau & Potter (2001) constituíram uma amostra normativa a partir da qual apresentam os valores descritivos na Tabela 4.

Neste estudo, no CEP Total a média registada é de $2.39\pm.69$. Nas distorções cognitivas, a média mais elevada é AC com $2.42\pm.74$ e CO com $2.42\pm.79$ e a mais baixa é MRM com $2.31\pm.78$. Nas categorias do comportamento anti-social, a média mais elevada corresponde à escala M, $2.69\pm.83$, e a mais baixa a AF, $2.32\pm.78$. A EA

apresenta em valor superior à EC, $2.44 \pm .71$ e $2.34 \pm .74$, respectivamente. Finalmente, a RA tem uma média de 3.33 ± 1.07 .

Tabela 4: Estatística descritiva do CEP com base em amostras normativas do estudo de Barriga, Gibbs, Liau & Potter, 2001.

Escala	X±dp
CEP (escala total)	2.39±0.69
AC	2.42±0.74
CO	2.42±0.79
MRM	2.31±0.78
AP	2.35±0.72
PO	2.55±0.72
AF	2.32±0.78
M	2.69±0.83
F	2.02±0.75
EA	2.44±0.71
EC	2.34±0.74
RA	3.33±1.07

Legenda: CEP- Como Eu Penso (Escala Total); AC- Auto-centrada; CO- Culpar os Outros; MRM- Minimizar/Rotular Mal; AP- Assumir o Pior; PO – Perturbação de Oposição; AF- Agressão Física; M- Mentir; F - Furtar; RA- Respostas Anômalas; EA- Escala Aberta; EC- Escala coberta.

2.4 – Correlações de Ordem Zero (Pearson)

Na Tabela 5 estão representados os dados das correlações de Pearson entre as escalas das categorias de distorções cognitivas de auto-serviço e entre estas com a escala de respostas anômalas, bem como com as cargas positivas.

Tabela 5: Correlações Ordem-Zero (Pearson) entre as escalas das categorias de distorções cognitivas.

Escala	1	2	3	4	5
1 AC	-				
2 CO	.80	-			
3 MRM	.83	.84	-		
4 AP	.82	.86	.86	-	
5 RA	-.43	-.42	-.39	-.41	-
6 CP	-.45	-.44	-.50	-.46	.00

Todas as correlações (excepto.00) são significativas com $p < .001$

Legenda: AC- Auto-centrada; CO- Culpar os Outros; MRM- Minimizar/Rotular Mal; AP- Assumir o Pior; RA- Respostas Anômalas; CP- Carga Positiva.

A distorção cognitiva de auto-serviço primária AC tem uma correlação positiva, forte e significativa com todas as distorções cognitivas secundárias. Assim AC está correlacionada com CO ($r = .80$), MRM ($r = .83$) e com AP ($r = .82$). A escala AC está ainda correlacionada negativamente, com intensidade moderada e de modo estaticamente significativo com RA ($r = -.43$) e com CP ($r = -.45$).

CO encontra-se correlacionada positivamente, com intensidade forte e de modo significativo com as restantes distorções cognitivas de auto-serviço secundárias.

Nomeadamente, CO está correlacionada com MRM ($r = .84$) e com AP ($r = .86$). CO encontra-se, ainda, correlacionada negativamente de intensidade moderada e de modo estatisticamente significativo com RA ($r = -.42$) e com CP ($r = -.44$).

A escala MRM está correlacionada positiva, fortemente e de modo significativo com AP ($r = .86$), estando, ainda, correlacionada com RA ($r = -.39$), negativamente, moderadamente e de forma estatisticamente significativa, e com CP ($r = -.50$), com intensidade forte, estatisticamente significativa e também de forma negativa.

A distorção cognitiva de auto-serviço AP encontra-se negativamente correlacionada, com intensidade moderada e de forma estatisticamente significativa com RA ($r = -.41$) e com CP ($r = -.46$).

Por fim, RA encontra-se correlacionada positivamente de forma fraca e estatisticamente não significativa com CP ($r = .00$).

A Tabela 6 ilustra as correlações de Pearson entre as escalas das categorias do comportamento anti-social e entre estas escalas com a escala de respostas anómalas assim como com as cargas positivas.

Tabela 6: Correlações Ordem-Zero (Pearson) entre as escalas referentes às categorias de comportamento.

Escala	1	2	3	4	5
1 PO	-				
2 AF	.84	-			
3 M	.78	.77	-		
4 F	.77*	.78	.80	-	
5 RA	-.43	-.47	-.45	-.35	-
6 CP	-.41	-.45	-.41	-.51**	.00

Todas as correlações (excepto.00) são significativas com $p < .001$

Legenda: PO – Perturbação de Oposição; AF- Agressão Física; M- Mentir; F - Furtar; RA- Respostas Anómalas; CP- Carga Positiva.

A categoria PO apresenta correlações positivas, fortes e significativas com todas as restantes categorias do comportamento anti-social. PO encontra-se, efetivamente correlacionada com AF ($r = .84$), M ($r = .78$) e com a categoria F ($r = .77$). Esta categoria encontra-se também correlacionada com uma intensidade moderada e de modo estaticamente significativo com RA ($r = -.43$) e com CP ($r = -.41$), sendo ambas as correlações negativas.

Em relação à escala AF esta encontra-se correlacionada positivamente com intensidade forte e de forma significativa com M ($r = .77$) e com F ($r = .78$). AF encontra-se ainda correlacionada negativamente de forma moderada e de modo estatisticamente não significativo com RA ($r = -.47$) e com CP ($r = -.45$).

A escala M, está correlacionada positivamente, fortemente e de modo muito significativo com F ($r = .80$). Encontra-se também fortemente correlacionada e de forma estatisticamente significativa e negativa com RA ($r = .45$) e com CP ($r = -.15$).

A escala F encontra-se negativamente correlacionada de intensidade moderada e estatisticamente significativo com RA ($r = -.35$) e com intensidade forte, negativa e estatisticamente significativamente com CP ($r = -.51$).

A escala RA encontra-se correlacionada positivamente de forma fraca e estatisticamente não significativa com CP ($r = .01$).

Apesar de se referirem a distorções cognitivas e referenciais de comportamento que podem ser diferenciados entre si, as escalas deste questionário correlacionam-se fortemente entre si. Este facto permite colocar a hipótese que as distorções cognitivas de auto-serviço poderão ser consideradas numa perspectiva holística e universal como a “mente criminal” (cf. Samenow, 1984, cit in Barriga, Gibbs, Liao & Potter, 2001). Contudo, é de salientar, que os indivíduos podem apresentar padrões individuais muito próprios nos referentes cognitivos e comportamentais (Barriga, Gibbs, Liao & Potter, 2001).

Resumindo, todas as distorções cognitivas e todas as categorias do comportamento anti-social estão correlacionadas positivamente e significativamente entre si, apresentando correlações com intensidade forte.

3 - Definição de objectivos e hipótese

O principal objectivo do presente estudo é a adaptação da escala Como eu Penso (CEP) à realidade Portuguesa. Neste sentido, serão efectuados o processo de tradução da escala original, após o que se aplicará a versão portuguesa do CEP a população delinvente e normativa portuguesa.

Face aos resultados encontrados em estudos anteriores, colocamos a hipótese que a população delinvente apresente distorções cognitivas de auto-serviço superiores à população normativa.

III – Adaptação do Questionário Como **Eu Penso**

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos do presente estudo, que pretende adaptar o CEP à população portuguesa. Com efeito, apresentam-se os dados da amostra, os procedimentos e respectivo protocolo de recolha de dados, o instrumento, o tratamento de dados, bem como os resultados obtidos, discussão dos mesmos e a respectiva conclusão.

1 – Amostra

Foram recolhidos 82 questionários, tendo sido eliminados 7 por apresentarem um valor de RA superior do que 4.25. Com efeito, se a pontuação da escala RA for maior do que 4.00, o protocolo deve ser considerado suspeito e os seus resultados interpretados de forma cautelosa. Se a pontuação da escala RA for maior que 4.25, o protocolo deve ser excluído da análise de dados em contextos de pesquisa (Barriga, Gibbs, Liao & Potter, 2001). Assim, a amostra é composta por 75 sujeitos, sendo 30 do grupo dos delinquentes e 45 dos não delinquentes.

A idade média da amostra é de $15.97 \pm .93$. Não existem diferenças significativas quanto à idade entre os 2 grupos em estudo. Com efeito, a idade média do grupo dos delinquentes é de $16.17 \pm .83$ e a do grupo dos não delinquentes é de $15.87 \pm .97$ ($t = 1.295$; $gl = 66$; ns.)

Quanto ao sexo, 61 dos jovens são do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Não existem diferenças significativas em termos de distribuição da variável sexo pelos dois grupos em estudo ($\chi^2 = .132$; $gl = 1$; ns.)

2 – Procedimento

O presente estudo encontra-se incluído num projecto de investigação que resulta da cooperação entre a Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde (UnIPSa), do Centro de Investigação em Ciências da Saúde (CICS), do Instituto Superior de Ciências da Saúde Norte (ISCS-N), CESPU - Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário, CRL (CESPU) e a Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS). O objectivo deste projecto de investigação é avaliar os impactos da intervenção que a DGRS realiza com os jovens que acompanha no âmbito de acompanhamento em processo tutelar educativo. Os parâmetros avaliados neste projecto são: competências sociais; resolução de problemas; motivação; distorções cognitivas; sentimentos em relação ao crime. Neste âmbito o CEP foi utilizado para medir as distorções cognitivas nos jovens acima referidos.

A amostra referente ao grupo dos delinquentes inclui jovens que estavam sujeitos a medida de acompanhamento no âmbito de processo tutelar educativo, tendo os dados sido recolhidos pelos Técnicos de Reinserção Social, da Direcção Geral de Reinserção Social, que efectuavam este acompanhamento.

Os dados da amostra normativa foram recolhidos pelos colaboradores deste projecto de investigação numa escola privada da zona do Porto.

3- Instrumento

Foi utilizado o questionário Como eu Penso (CEP) cujas principais características já foram anteriormente referidas. Refira-se, no entanto, que o CEP mede distorções cognitivas de auto-serviço em jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos (Bogestad, Hagan, & Kettler, 2009). O CEP é constituído por 54 itens, sendo as respostas dadas numa escala *Likert* de 6 pontos, correspondendo o 1 a concordo completamente e o 6 a discordo completamente (Barriga & Gibbs, 1996; Pealer, 2007).

O questionário é de auto-preenchimento, podendo ser administrado individualmente ou em grupo e requer um nível de leitura do 4^a ano de escolaridade.

Para a utilização correcta e objectiva deste instrumento, foi necessário o pedido de consentimento à empresa que detém os direitos do instrumento para a finalidade de utilização deste instrumento na investigação, neste caso a empresa Research Press. Após o consentimento realizou-se a tradução do instrumento de inglês para português e sua respectiva retroversão, por parte dos colaboradores deste projecto de investigação e sob orientação da Research Press, bem como se efectuou uma reflexão falada com indivíduos com a idade compreendida pelo CEP com o objectivo de despistar problemas de compreensão relativos aos itens deste questionário.

4 - Tratamento de dados

A consistência interna é estudada através do α de Cronbach. É utilizada a correlação de Pearson para se estudar as correlações entre as escalas das categorias de distorções cognitivas e do comportamento anti-social. Quanto à estatística descritiva recorre-se à média e ao desvio-padrão, sendo as diferenças entre o grupo de delinquentes de o grupo normativo estudadas a partir do teste *T-Student* para grupos independentes.

5- Resultados

4.1 – Consistência interna

A consistência interna do CEP, apresentada na Tabela 7, evidencia, em geral, valores aceitáveis. O valor do α de Cronbach no CEP total é de .78 e poder ser considerado bom. O valor de .58 do α de Cronbach da categoria AC está no limite entre inadmissível e fraco. As restantes distorções cognitivas têm valores de α de Cronbach aceitáveis, sendo esses valores ligeiramente fracos no caso de CO e MRM e bom para AP.

Tabela 7: α Cronbach do CEP e das subescalas no estudo português.

Escala	α Cronbach
CEP Total	.78
AC	.58
CO	.60
MRM	.63
AP	.72
PO	.60
AF	.68
M	.60
F	.84
RA	.55
CP	.80
EA	.79
EC	.83

Legenda: CEP- Como Eu Penso (Escala Total); AC- Auto-centrada; CO- Culpar os Outros; MRM- Minimizar/Rotular Mal; AP- Assumir o Pior; PO – Perturbação de Oposição; AF- Agressão Física; M- Mentir; F -Furtar; RA- Respostas Anómalas; CP – Carga Positiva; EA- Escala Aberta; EC- Escala coberta.

No que diz respeito às quatro categorias do comportamento anti-social, o valores de α de Cronbach são todos aceitáveis, sendo bom para F, com um valor de .84 e fracos para AF, PO e M com valores de .68, .60, .60, respectivamente

A escala RA apresenta um valor de α de Cronbach de .55 que não é aceitável. As escalas CP e EC apresentam valores de α de Cronbach muito bons, de .80 e de .83, respectivamente, e a escala EA apresenta valor de α de Cronbach bom, nomeadamente de .79.

4.2 - Valores normativos

A estatística descritiva do CEP é apresentada na Tabela 8. O grupo dos delinquentes apresenta, em média, mais distorções cognitivas do que o grupo

normativo. Com efeito, o valor do CEP total no grupo dos delinquentes é de $2.31 \pm .55$, enquanto no grupo normativo é de $2.00 \pm .44$ ($t = 2.604$; $gl = 68$; $p = .011$).

Tabela 8: Estatística descritiva do CEP no estudo português.

Escalas/ Estudo	Estudo português				
	D	ND	t	gl	p
CEP (escala total)	2.31±0.55	2.00±0.42	2.654	73	.010
AC	2.22±0.68	2.00±0.38	1.614	41.091	ns
CO	2.41±0.58	2.04±0.53	2.906	73	.005
MRM	2.21±0.60	1.98±0.51	1.787	73	.078
AP	2.36±0.60	2.03±0.51	2.589	73	.012
RA	3.07±0.61	3.37±0.75	1.833	73	.071
CP	5.43±0.58	4.92±0.76	3.121	73	.003
PO	2.56±0.56	2.14±0.46	3.560	73	.001
AF	2.56±0.68	2.08±0.40	3.471	42.080	.001
M	2.56±0.70	2.08±0.43	3.302	43.249	.002
F	1.66±0.71	1.77±0.59	0.746	73	ns
EA	2.56±0.59	2.11±0.40	3.695	46.877	.001
EC	2.04±0.61	1.90±0.47	1.076	73	ns

Legenda: D - Delinquentes; ND - Não Delinquentes; CEP- Como Eu Penso (Escala Total); AC- Auto-centrada; CO- Culpar os Outros; MRM- Minimizar/ Rotular Mal; AP- Assumir o Pior; PO – Perturbação de Oposição; AF- Agressão Física; M- Mentir; F - Furtar; RA- Respostas Anómalas; CP – Carga Positiva.

Quando se comparam os valores obtidos pelo grupo de delinquentes com o grupo normativo nas escalas relativas às categorias das distorções cognitivas, observa-se que não existem diferenças significativas em AC, que há uma tendência para o grupo de delinquentes ter mais MRM do que o grupo normativo e, finalmente, que os delinquentes apresentam valores médios superiores aos da população normativa em CO e AP.

Com efeito, no grupo dos delinquentes, o valor médio de MRM é de 2.21 ± 0.60 , enquanto o valor médio do grupo de não delinquentes a média observada é de 1.98 ± 0.51 ($t=1.787$; $gl=73$; $p=.078$)

Em CO, o grupo dos delinquentes tem um valor médio de $2.41 \pm .58$ e o grupo normativo de 2.04 ± 0.53 ($t=2.906$; $gl=73$; $p=.005$). Em AP, os valores médios

encontrados são de 2.36 ± 0.60 , para o grupo de delinquentes, e de 2.03 ± 0.51 , para o grupo de não delinquentes, ($t=2.589$; $gl=73$; $p=.012$).

Em relação ao comportamento anti-social, com exceção de F, os delinquentes exibem valores médios mais elevados do que a população normativa.

Em PO, os valores médios observados são de 2.56 ± 0.56 e de 2.14 ± 0.46 , no grupo dos delinquentes e no grupo normativo, respectivamente, ($t=2.589$; $gl=73$; $p=.012$). Para AF o grupo de delinquentes apresenta uma média de $2.56 \pm .68$ e o grupo normativo de 2.08 ± 0.40 ($t=3.471$; $gl=42.080$; $p=.001$). A média para M é de $2.56 \pm .70$ no grupo de delinquentes e de $2.08 \pm .43$ no grupo normativo ($t=3.302$; $gl=43.249$; $p=.002$).

Na escala RA, a população normativa exhibe uma tendência para ter um valor médio superior aos dos delinquentes, sendo as respectivas média de $3.07 \pm .61$ e de $3.37 \pm .75$ ($t=1.833$; $gl=73$; $p=.71$).

Em relação à grupo normativo, os delinquentes apresentam valores médios mais altos para EA e iguais em EC. Com efeito, nos delinquentes o valor de EA é de $2.56 \pm .59$ enquanto que a população normativa exhibe $2.11 \pm .40$ ($t=3.695$; $gl=46.877$; $p=.001$).

4.3 – Correlações de Ordem Zero (Pearson)

A Tabela 9 indica as correlações de Pearson entre as escalas das categorias de distorções cognitivas de auto-serviço, bem como com a escala de respostas anómalas e com as cargas positivas.

Tabela 9: Correlações Ordem-Zero (Pearson) entre as escalas das categorias de distorções cognitivas.

Escala	1	2	3	4	5
1 AC	-				
2 CO	.70**	-			
3 MRM	.73**	.75**	-		
4 AP	.63**	.69**	.74**	-	
5 RA	.23*	-.03	.04	.07	-
6 CP	-.30**	-.17	-.37**	-.29*	.01

** $p < .01$, * $p < .05$

Legenda: AC- Auto-centrada; CO- Culpar os Outros; MRM- Minimizar/Rotular Mal; AP- Assumir o Pior; RA- Respostas Anómalas; CP- Carga Positiva.

A distorção cognitiva de auto-serviço primária AC tem uma correlação positiva, forte e muito significativa com todas as distorções cognitivas secundárias. Com efeito a AC está correlacionada com CO ($r = .70$), MRM ($r = .73$), AP ($r = .63$). AC está

também correlacionado com intensidade fraca e de modo estaticamente significativo com RA ($r = .23$), neste caso positivamente, e com CP ($r = -.30$), negativamente.

A distorção cognitiva de auto-serviço CO encontra-se correlacionada positivamente de forma forte e muito significativamente com as restantes distorções cognitivas de auto-serviço secundárias. Nomeadamente CO, está correlacionada com MRM ($r = .75$) e com AP ($r = .69$). CO encontra-se ainda correlacionada negativamente de forma fraca e de modo estatisticamente não significativo com RA ($r = -.03$) e com CP ($r = -.17$).

No que diz respeito a MRM, esta encontra-se positivamente e fortemente correlacionada de modo muito significativo com AP ($r = .74$). Encontra-se ainda fracamente correlacionada e de forma estatisticamente não significativa com RA ($r = .04$) e de forma moderada, estatisticamente muito significativa e negativamente com CP ($r = -.37$).

A distorção cognitiva de auto-serviço AP encontra-se positivamente correlacionada de modo fraco e estatisticamente não significativo com RA ($r = .07$) e de forma fraca, negativa e estatisticamente significativamente com CP ($r = -.29$).

Por fim RA encontra-se correlacionada positivamente de forma fraca e estatisticamente não significativa com CP ($r = .01$).

Na Tabela 10 estão descritas as correlações de Pearson entre as escalas das categorias de do comportamento anti-social, assim como com a escala de respostas anómalas e com as cargas positivas.

Tabela 10: Correlações Ordem-Zero (Pearson) entre as escalas referentes às categorias de comportamento anti-social.

Escala	1	2	3	4	5
1 PO	-				
2 AF	.77**	-			
3 M	.71**	.64**	-		
4 F	.58**	.52**	.44**	-	
5 RA	-.02	.04	.18	.15	-
6 CP	-.11	-.11	-.15	-.57**	.01

** $p < .01$, * $p < .05$

Legenda: PO – Perturbação de Oposição; AF- Agressão Física; M- Mentir; F - Furtar; RA- Respostas Anómalas; CP- Carga Positiva.

A categoria PO apresenta uma correlação positiva, forte e muito significativa com todas as restantes categorias do comportamento anti-social. Deste modo PO está correlacionada com AF ($r = .77$), M ($r = .71$) e F ($r = .58$). PO encontra-se também correlacionada com intensidade fraca e de modo estaticamente significativo e negativamente com RA ($r = -.02$) e com CP ($r = -.11$).

A escala AF está correlacionada positivamente de forma forte e muito significativamente com as restantes categorias do comportamento anti-social. AF encontra-se, deste modo, com M ($r = .64$) e com F ($r = .52$). AF encontra-se ainda correlacionada positivamente de forma fraca e de modo estatisticamente não significativo com RA ($r = .04$) e com CP ($r = -.11$), desta vez de forma negativa.

Relativamente a M, esta encontra-se positivamente e moderadamente correlacionada de modo muito significativo com F ($r = .44$). Está ainda correlacionada positivamente, de intensidade fraca e de forma estatisticamente não significativa com RA ($r = .18$) e de forma fraca, estatisticamente muito significativa e negativamente com CP ($r = -.15$).

A escala F encontra-se positivamente correlacionada de modo fraco e estatisticamente não significativo com RA ($r = .15$) e de forma forte, negativa e estatisticamente muito significativamente com CP ($r = -.57$).

Finalmente, RA encontra-se correlacionada positivamente de forma fraca e estatisticamente não significativa com CP ($r = .01$).

Em suma, todas as distorções cognitivas e as categorias do comportamento anti-social estão correlacionadas positivamente, com intensidade forte e de forma muito significativamente entre si.

5- Discussão dos resultados

É necessário, agora, interpretar os resultados obtidos neste estudo à luz do referencial teórico descrito e dos resultados obtidos nos estudos internacionais.

Como já foi descrito anteriormente, as distorções cognitivas de auto-serviço estão associadas ao comportamento delinvente, mais precisamente contribuem para o seu início e manutenção e exercem uma função protectora ao auto-conceito dos delinquentes (Barriga, Gibbs, Landau, Liau & Stinson, 2000).

O CEP é um instrumento, que foi criado para medir de forma objectiva e fiável este tipo de distorções em delinquentes. Atendendo que o objectivo deste estudo se refere às propriedades psicométricas deste questionário na população portuguesa, torna-se necessário enquadrar os resultados conseguidos nos referenciais internacionais.

No que diz respeito à consistência interna do CEP conclui-se que o presente estudo obteve um bom valor de α de Cronbach do CEP total (.78), mas que fica abaixo dos valores obtidos noutros estudos, nomeadamente no de Barriga e Gibbs (1996) correspondendo a .96, Barriga, Gibbs, Liau e Potter (2001) que apresentaram um valor

de .92, Nas, Brugman e Koops (2008) que obtiveram um valor de .90 e Klatt (2008) que apresentou um valor de α de Cronbach de .94.

Em relação às categorias das distorções cognitivas e categorias do comportamento anti-social, o presente estudo obteve valores de α de Cronbach inferiores aos estudos de Barriga e Gibbs (1996), Barriga, Gibbs, Liau e Potter (2001), mas que se encontram tendencialmente próximos do estudo de Nas, Brugman e Koops (2008).

Neste estudo, quando se comparam os valores médios entre a população delinvente e a população normativa, verifica-se a mesma tendência de resultados que a encontrada nos estudos internacionais, ou seja, os valores médios dos resultados dos delinquentes são superiores aos da população normativa. Estes resultados vão de encontro ao modelo tipológico de Gibbs, Potter e Goldstein (1995), revelando a tendência para os delinquentes apresentarem mais distorções cognitivas do que a população normativa.

Em relação às correlações entre as escalas de distorções cognitivas de auto-serviço, verificaram-se no presente estudo correlações positivas de ordem forte e significativas entre todas as distorções cognitivas de auto-serviço. O mesmo se verificou em relação às correlações entre as escalas referentes às categorias do comportamento anti-social. Embora os valores das correlações tenham sido ligeiramente mais baixos do que os valores obtidos no estudo de Barriga, Gibbs, Liau e Potter (2001), verificou-se em ambos os estudos o mesmo padrão de correlação positiva de intensidade forte e estatisticamente significativa entre as categorias de distorções cognitivas de auto-serviço e entre as categorias do comportamento anti-social.

Conclusão

O estudo dos processos cognitivos perspectiva a mente humana como um sistema de processamento de informação. Neste sistema, existem estruturas cognitivas que organizam a informação e intervêm no processamento desta desde que entra no sistema até à resposta comportamental.

As distorções cognitivas ganham importância ao comprometerem o processamento de informação, resultando em crenças erróneas, falsas ou imprecisas dos eventos sociais.

Existem diversos tipos de distorções cognitivas. As distorções cognitivas de auto-serviço que se encontram associadas a comportamentos de externalização, encontram-se associadas ao comportamento anti-social.

Ao longo do tempo foram surgindo diferentes teorias sobre a explicação do modo de funcionamento deste tipo de distorções na origem e manutenção do comportamento anti-social. Os primeiros trabalhos prendem-se com a teoria das técnicas de neutralização de Sykes e Matza e com os erros de pensamento característicos do criminoso de Yochelson e Samenow. Gibbs, Potter e Goldstein enunciaram um modelo sobre as distorções cognitivas de auto-serviço, dividindo-as em distorções cognitivas de auto-serviço primárias e distorções cognitivas de auto-serviço secundárias, enquadrando-as em quatro categorias: Auto-centrada; Culpar os Outros; Minimizar/Rotular Mal; Assumir o Pior.

As distorções cognitivas de auto-serviço interferem o desenvolvimento da moral, nomeadamente atrasando o processo, mantendo a persistência do indivíduo em níveis imaturos de julgamento moral para além da infância.

O comportamento anti-social é um comportamento de exteriorização que prejudica as outras pessoas e onde estão incluídos actos agressivos e delinquentes.

As distorções cognitivas de auto-serviço provocam a desinibição do comportamento e da agressividade, bem como protegem o indivíduo do auto-conceito negativo, promovendo assim o comportamento anti-social e a sua manutenção.

Tendo em conta o que foi acima referido é da máxima importância a existência de medidas para avaliar com rigor este tipo de distorções cognitivas para a prevenção, predição e tratamento do comportamento anti-social. Neste sentido, vários instrumentos foram criados ao longo dos anos. Contudo a sua maioria deparou-se com vários problemas que os tornavam ineficazes na medição das distorções cognitivas de auto-serviço.

O CEP foi criado para ser um instrumento de rápida aplicação e de forma simples para medir as distorções cognitivas de auto-serviço. Para além de contemplar as quatro categorias de distorções cognitivas de auto-serviço enunciadas por Gibbs, Potter e Goldstein, o CEP contempla ainda quatro categorias do comportamento anti-social e avalia os comportamentos abertos e cobertos.

Os estudos internacionais realizados com o CEP no âmbito da avaliação das distorções cognitivas e do comportamento anti-social, bem como os seus estudos de validação concluíram que o CEP é uma medida com muito boas características de fidelidade e validade e por isso uma boa e objectiva medida neste campo de estudo.

O presente estudo tem como objectivo a tradução e a adaptação do CEP à população portuguesa, obteve valores satisfatórios em relação às características psicométricas avaliadas, bem como resultados favoráveis na diferenciação das distorções cognitivas de auto-serviço na amostra de delinquentes em relação à amostra normativa, confirmando a hipótese que se colocou.

Pode-se concluir assim, que apesar de haver necessidade de maior investigação na aplicação do CEP à população portuguesa, parece existir uma boa tendência para este questionário ser aferido à nossa população e para se constituir como um instrumento de importante auxílio na avaliação das distorções cognitivas de auto-serviço e na ajuda da predição do comportamento anti-social.

Bibliografia

- Achenbach, T. M.(1991). *Manual for the Youth Self-Report and 1991 profile*. Burlington: University of Vermont Department Of Psychiatry.
- Álvaro J. L., Garrido A.(2003). *Psicologia Social – Perspectivas Psicológicas e Sociológicas*. McGraw Hill Interamericana de Espanha S.A.U.
- Bandura, A. (1991). *Social cognitive theory of moral thought and action*. Handbook of moral behaviour and development. Vol.1, pp.45-103. Hillsdale, NJ:Lawrence Erlbaum.
- Barriga A., Gibbs J. (1996). *Measuring Cognitive Distortion in Antisocial Youth: Development and Preliminary Validation of the "How I Think" Questionnaire*. *Aggressive Behavior*, Volume 22, pages 333-343.
- Barriga A., Landau J., Stinson B., Liau A, Gibbs J. (2000). *Cognitive Distortion and Problem Behaviors in Adolescents*. *Aggressive Behavior*.
- Barriga A., Gibbs J. Liau A. (1998). *Relations Between Self-Serving Cognitive Distortions and Overt vs. Covert Antisocial Behavior in Adolescents*. *Aggressive Behavior* Volume 24, pages 335-346.
- Barriga A., Gibbs J., Potter G., Liau A. (2001). *How I Think (HIT) Questionnaire Manual*. Research Press. 2612 North Mattis Avenue. Champaign, Illinois 61822 (800) 519-2707.
- Bogestad A., Kettler R., Hagan M. (2009). Evaluation of a Cognitive Intervention Program for Juvenile Offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*.
- Begum A., palmer E. (2006). *The Relationship Between Moral Reasoning, Provicitim Attitudes, and Interpersonal Aggression Among Imprisoned Young Offenders*. *Therapy and Comparative International Journal of Offender Criminology*.
- Beck, A. T. (2005). *The current state of cognitive therapy: A 40-year retrospective*. *Archives of General Psychiatry*, 62, 953-959.
- Chambers, J., Eccleston, L., Day, A., Ward, T., Howells, K. (2008). *Treatment readiness in violent offenders: The influence of cognitive factorson engagement in violence programs*. *Aggression and Violent Behavior* 13.

- Crick, N. R., Dodge, K. A. (1994). *A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment*. *Psychological Bulletin*, 115, 74-101.
- Crick, N. R., Dodge, K. A. (1996). *Social information-processing mechanisms in reactive and proactive aggression*. *Child Development*, 67, 993-1002.
- Dodge, K. A. (1991). The structure and function of reactive and proactive aggression. In D. J. Peplar & K. H. Rubin (Eds.), *The development and treatment of childhood aggression* (pp. 201-218). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Frey E., Epkins C. (2002). *Examining cognitive models of externalizing and internalizing problems in subgroups of juvenile delinquents*. *Journal of clinical child and adolescent psychology*, vol. 31. No. 4. 556-566.
- Gibbs, J. (1991). Sociomoral developmental delay and cognitive distortion: implications for treatment of anti-social youth. In W. M. Kurtines (Ed.), *Handbook of moral behaviour and development*. Vol.3. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Ass. Publishers.
- Gibbs, J. (1993). *The cognitive developmental perspective*. Moral development. An Introduction. Boston: Allyn and Bacon.
- Gibbs, J., Potter, G., Goldstein, A. P. (1995) *The EQUIP program: Teaching youth to think and act responsibly through a peerhelping approach*. Champaign, IL: Research Press.
- Golse, B. (2001). *O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança*. 1ª Edição Climepsi Editores. Lisboa.
- Palmer E. (2003). *An overview of the relationship between moral reasoning and offending*. *Australian Psychologist*, volume 38 nº 3 pp. 165-174.
- Palmer E. (2005). *The relationship between moral reasoning and aggression, and the implications for practice*. *Psychology, Crime & Law*; 11(4): 353-361.
- Lárden M., Melin L, Holst U., Langstrom N. (2004). *Moral Judgment, cognitive distortions and empathy in incarcerated delinquent and community control adolescents*. *Psychology, Crime & Law*, October 2006; 12(5): 453-462.

- Loeber R., Lahey B.B., Thomas C. (1991): *The diagnostic conundrum of oppositional defiant disorder and conduct disorder*. Journal of Abnormal Psychology 100:379-390.
- Martins M., Castro, F. (2007) *Desenvolvimento moral e conduta anti-social: que relações? A Unicidade do Conhecimento*. Évora. Universidade de Évora.
- Nas C., Brugman D., Koops W. (2008). *Measuring Self-Serving Cognitive Distortions with the "How I Think" Questionnaire*. European Journal of Psychological Assessment; Vol. 24 (3): 181–189.
- Sykes, G.M.; Matza, D. (1957). *Techniques of neutralization: A theory of delinquency*. American sociological review.
- Yochelson, S., S. Samenow. (1976). *The criminal personality – A profile for change*. Chicago: Rowman & Littlefield.
- Yochelson, S., S. Samenow. (1977). *The criminal personality: The change process*. Chicago: Jason Aronson.
- Yochelson, S., S. Samenow. (1986). *The criminal personality: The Drug User – Vol. 3*. Chicago: Jason Aronson.
- Young, J., Klosko, J., Weishaar, M. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York, London: The Guilford Press.

Anexo



CESPU
COOPERATIVA DE ENSINO
SUPERIOR POLITÉCNICO
E UNIVERSITÁRIO, CRL



**INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NORTE**



CICS



UnIPSa
UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE
Research Unit in Psychology and Health

**CESPU - Cooperativa de Ensino Superior, Politécnico e Universitário
Instituto Superior de Ciências da Saúde - Norte
CICS – Centro de Investigação em Ciências da Saúde
UnIPSa – Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde**

O Instituto Superior de Ciências da Saúde está a realizar um estudo sobre pensamentos e sentimentos em jovens. É para este estudo que peço a tua colaboração.

As tuas respostas são confidenciais - não serão reveladas a ninguém - e destinam-se exclusivamente a fins de investigação científica. Por isso mesmo não terás de te identificar. Responsabilizo-me pessoalmente pela confidencialidade das tuas respostas.

Interessa-me a tua resposta espontânea. Não há boas nem más respostas. Não existe qualquer limite de tempo.

Questionário “Como Eu Penso”

Cada afirmação deste questionário poderá descrever a forma como tu pensas acerca de diferentes aspectos da vida. Lê cada afirmação cuidadosamente, depois pergunta a ti próprio: “É justo dizer que esta afirmação descreve a minha forma de pensar nos últimos 6 meses?” As tuas respostas são confidenciais.

Assinala com uma cruz as tuas respostas.

	Concordo Totalmente	Concordo	Ligeiramente Concordo	Discordo Ligeiramente	Discordo	Discordo Totalmente
As pessoas deviam tentar resolver os seus problemas.	1	2	3	4	5	6
Não consigo evitar perder a calma.	1	2	3	4	5	6
Às vezes, temos que mentir para alcançar o que queremos.	1	2	3	4	5	6
Às vezes fico aborrecido.	1	2	3	4	5	6
É necessário ser duro com as pessoas de vez em quando.	1	2	3	4	5	6
Se fiz uma asneira foi porque me envolvi com más companhias.	1	2	3	4	5	6
Se vejo algo que gosto, tiro.	1	2	3	4	5	6
Não podemos confiar nas pessoas porque elas vão sempre mentir-nos.	1	2	3	4	5	6
Sou generoso com os meus amigos.	1	2	3	4	5	6
Quando me zango, não me interessa se magoo alguém.	1	2	3	4	5	6
Se alguém deixa o carro aberto, está mesmo pedir que o assaltem.	1	2	3	4	5	6
Temos que nos vingar das pessoas que não nos respeitam.	1	2	3	4	5	6
Às vezes lanço boatos sobre outras pessoas.	1	2	3	4	5	6
Toda a gente mente, não tem importância.	1	2	3	4	5	6
Não adianta tentar evitar lutas.	1	2	3	4	5	6
Todos têm o direito de serem felizes.	1	2	3	4	5	6

	Concordo Totalmente	Concordo	Ligeiramente Concordo	Discordo Ligeiramente	Discordo	Discordo Totalmente
Se soubermos que conseguimos escapar, só um tolo é que não roubaria.	1	2	3	4	5	6
Não importa o quanto me esforço, não consigo evitar meter-me em problemas.	1	2	3	4	5	6
Só um covarde se afastaria de uma luta.	1	2	3	4	5	6
Já falei mal de amigos.	1	2	3	4	5	6
Não faz mal dizer uma mentira, se alguém é suficientemente burro para acreditar nela.	1	2	3	4	5	6
Se realmente quero uma coisa, não importa como a consigo.	1	2	3	4	5	6
Se não fores duro com as pessoas à tua volta, vais estar sempre a ser provocado.	1	2	3	4	5	6
Os amigos devem ser honestos uns com os outros.	1	2	3	4	5	6
Se uma loja ou uma casa forem assaltados, a culpa é do seu dono por não ter melhor segurança.	1	2	3	4	5	6
As pessoas obrigam-nos a mentir se nos fazem demasiadas perguntas.	1	2	3	4	5	6
Já tentei vingar-me de alguém.	1	2	3	4	5	6
Deves ter o que precisas, mesmo que isso implique magoar alguém.	1	2	3	4	5	6
As pessoas estão sempre a tentar chatear-me.	1	2	3	4	5	6
As lojas fazem dinheiro suficiente, por isso não faz mal tirar as coisas de que precisas.	1	2	3	4	5	6
No passado, menti para me livrar de problemas.	1	2	3	4	5	6
Deves magoar primeiro as outras pessoas, antes que elas te magoem a ti.	1	2	3	4	5	6
Mentir a alguém não tem importância nenhuma se não conhecermos essa pessoa.	1	2	3	4	5	6
É importante ter em atenção os sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5	6
Mais vale roubares. Se tu não o fizeres, alguém o fará.	1	2	3	4	5	6
As pessoas estão sempre a tentar começar lutas comigo.	1	2	3	4	5	6
As regras são feitas sobretudo para as outras pessoas.	1	2	3	4	5	6
Eu tenho escondido coisas que fiz.	1	2	3	4	5	6
Se alguém é descuidado o suficiente para perder uma carteira, merece que a roubem.	1	2	3	4	5	6
Todos infringem a lei, não tem importância nenhuma.	1	2	3	4	5	6
Quando os amigos precisam de ti, deves estar presente para os ajudar.	1	2	3	4	5	6
Conseguir o que precisas é a única coisa que importa.	1	2	3	4	5	6
Mais vale roubar. Os outros também te roubariam se tivessem essa oportunidade.	1	2	3	4	5	6
Se as pessoas não cooperam comigo, não é culpa minha se alguém se magoar.	1	2	3	4	5	6
Já fiz coisas más que não contei a ninguém.	1	2	3	4	5	6
Quando perco a calma é porque as pessoas tentam fazer com que me zangue.	1	2	3	4	5	6
Roubar um carro não prejudica ninguém se não acontecer nada ao carro e o dono o tiver de volta.	1	2	3	4	5	6
Todos precisam de ajuda de vez em quando.	1	2	3	4	5	6

	Concordo Totalmente	Concordo	Concordo Ligeiramente	Discordo Ligeiramente	Discordo	Discordo Totalmente
Mais vale mentir – quando digo a verdade, as pessoas não acreditam em mim de qualquer forma.	1	2	3	4	5	6
Às vezes tens que magoar uma pessoa, se tens um problema com ela.	1	2	3	4	5	6
Já tirei coisas sem pedir.	1	2	3	4	5	6
Se menti a alguém, ninguém tem nada haver com isso.	1	2	3	4	5	6
Toda a gente rouba – mais vale tirar a tua parte.	1	2	3	4	5	6
Se realmente quero fazer algo, não me importo se é legal ou não.	1	2	3	4	5	6

Para fins de tratamento estatístico por favor indica:

Sexo: Masculino Feminino

Data de Nascimento _____

Anexo

Adaptation of the How I Think Questionnaire

André Valente Araújo Ramos - Department of Psychology, Forensic Psychology and
Transgression (ISCS-N / CESPU)

Ernesto Fonseca - Department of Psychology (ISCS-N / CESPU)

Summary

The How I Think Questionnaire - HIT (Questionário Como Eu Penso - CEP) is a test with short application time, which measures self-serving cognitive distortions with good reliability and validity of a comprehensive and exclusive of this form of cognitive distortions such in variety conditions. This work aims to adapt and to infer about the psychometric characteristics of this questionnaire in portuguese population.

The sample used in this study consists of 75 subjects, 30 of the group of offenders who were subject to an accompanying measure within the education process and protection and 45 normative students who attend a private school in the area of Porto. All participants in the questionnaire was applied as I think.

The How I think Questionnaire, in this study had good internal consistency (Chronbach's alpha = .78). The value of the full scale of the CEP was 2.31 (SD = .55) for the group of offenders and 2.00 (SD = .42) for the group's normative sample.

The mean between the offender population and the population norms, has the same trend of results that found in international studies, or the average of the results of the offenders are superior to the normative population.

Introduction

In the context of social cognition is important to study how the knowledge of reality is represented in the human cognitive system (Garrido, & Álvaro, 2003).

In the study of cognitive psychology, the emerging concept is the notion of schema, which, according to Bartlett (1932 cit in Garrido, & Álvaro, 2003) refers to a cognitive structure that includes the figurations of knowledge about a particular field and specific stimuli. The schemes are responsible for the initiation and maintenance of information processing, selecting, learning, prioritizing and organizing information (Beck, 2005).

According to Crick and Dodge (1994), cognitive distortions refer to the general scheme or particular steps that affect information processing at various stages such as encoding, mental representation, clarifying objectives, access to the generation of potential responses the evaluation of responses, response selection, the cost of responding.

Cognitive distortions are thus, attitudes, thoughts and beliefs that are considered to be false or inaccurate, corresponding thus to erroneous or biased ways of being or meaning to apply to situations or experiences (Barriga, Gibbs, Potter & Liao, 2001).

Self-serving cognitive distortions has been described as being the source of antisocial behavior, aggressive behavior and delinquency (Dodge et al., 1990 cit in Barriga & Gibbs, 1996).

Individuals act according to the interpretation of the events that are social. The antisocial behavior thus results from deficiencies in the interpretation of social events, or results of cognitive distortions (Nas, Brugman & Koops, 2008).

The precursor to the study of cognition applied to delinquency and antisocial behavior are linked to the constructivist approaches of the techniques of neutralization

of Sykes and Matza (1957) and errors of thinking characteristic of the criminal, enunciated by Samenow and Yochelson (1976, 1977, 1986).

More recently, Gibbs, Potter, and Goldstein (1995), enunciated a typological model of the self-serving cognitive distortions. The primary cognitive distortions concerning the attitudes, thoughts and beliefs characteristically self-centered that can be observed clinically in offenders (Barriga & Gibbs, 1996, 1998; Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001).

Cognitive distortions are there to serve as secondary support to primary cognitive distortions. Rationalizations correspond to pre-or post-transgression with the function of consciousness neutralize or mitigate / eliminate the guilt, thus preventing that their self-image of antisocial behavior is threatened (Sykes, & Matza, 1957; cf. Bandura, 1991; Redl, & Wineman, 1957, p. 146 cit in Barriga & Gibbs, 1996).

Primary cognitive distortions correspond to the category Self-Centered Model classification of cognitive distortions, while the cognitive distortions secondary correspond to the three remaining categories of the classification model of cognitive distortions, that is, the categories Blaming Others, Minimizing / Mislabeled; Assume the Worst (Gibbs, 1991, 1993; Gibbs, Potter, & Goldstein, 1995).

The authors formulated a typology based on four categories to describe the cognitive distortions "self-serving":

Self-centered - Refers to the person's own perspective, expectations, needs, rights, feelings and desires at this time to a level where the views of others are devalued or not even take into account;

Blaming Others - Attribution of blame to external sources, mainly other people, groups or an altered state as being under the influence of substances that alter

consciousness or transient mood states. Or assignment of guilt as a form of victimization of some people or as the misfortune of others;

Minimizing / Mislabeled - Thinking of antisocial behavior does not cause great danger to others or even be acceptable and admirable. Or refer to others in an inhuman manner;

Assuming the worst - Assign hostile intentions to others, considering the worst case scenario in a social situation, as something inevitable. Or assume that it is impossible to improve the performance of a self or others (Gibbs, 1991, 1993; Gibbs, Potter, & Goldstein, 1995). Gibbs (1993, 1995, 2003) demonstrated the relationship between the processes of moral judgments and cognitive distortions, specifically between the type of self-serving cognitive distortions that can contribute to the persistence of immature moral judgments beyond childhood. Cognitive distortions are the primary trends that are self-centered childhood, but are diluted with the progression of the individual in adolescence as they become less self-centered and able to fit the perspectives of others. Moral judgment lower in the stadiums is impregnated of this type of self-centered tendencies, low social perspective taking and emphasis on personal needs rather than the other. The primary role of these cognitive distortions is thus reinforced by other cognitive distortions, in this case are called secondary, which have the function of consciousness neutralize or alleviate / eliminate the guilt, making it feasible for the individual behavior (Sykes and Matza, 1957; cf. Bandura, 1991; Redl and Wineman, 1957, p. 146 cit in Barriga & Gibbs, 1996; Palmer, 2003, 2005).

The investigation also established a link between cognitive distortions and delinquent behavior. The association of cognitive distortions or with psychopathology or with the delinquent behavior are justified by the fact that cognitive distortions

enables individuals to rationalize certain attitudes, beliefs and / or thoughts, often ending up leading to problem behaviors (Bogestad, Hagan, & Kettler, 2009).

According to Barriga et al (2000), cognitive distortions that are associated with externalizing behavior are the self-service, protecting the self-concept, aggression and uninhibited behavior.

The anti-social behavior is viewed as a manifestation of behavior, which directly or indirectly affect others through the violation of important social norms and / or legal entities, including aggressive or delinquent acts, in which cognitive distortions have an important role in the genesis and maintenance of the anti-social (Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001). The How I Think Questionnaire was constructed to measure self-serving cognitive distortions with good reliability and validity of a comprehensive and exclusive form of cognitive distortions such a wide variety of conditions (Barriga, Gibbs, Liao, & Potter, 2001). The CEP consists of 54 items and based on a 4x4 construction (Barriga & Gibbs, 1996; Peale, 2007), that is, four categories of self-serving cognitive distortions and four of the categories of anti-social behavior derived from Behavior Disorder (PC) disorder and Opposition (OP) of the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM.

The main objective of this study is the adaptation of the scale as I think (CEP) to the Portuguese reality. In this study hypothesized that the offender population presents cognitive distortions of self-service than the normative population.

Methods

Participants

The sample comprised 75 subjects, 30 of the group of 45 offenders and non offenders. We collected 82 questionnaires, 7 were eliminated because they have a

value of RA higher than 4.25. Indeed, if the RA scale score is greater than 4.00, the protocol must be considered suspect and the results interpreted with caution. If the RA scale score is greater than 4.25, the protocol should be excluded from data analysis in research contexts (Barriga, Gibbs, Potter & Liao, 2001). The average age of the sample is $15.97 \pm .93$. There are no significant differences in age between the two study groups. Indeed, the average age group of offenders is $16:17 \pm .83$ and the group of non-offenders is $15.87 \pm .97$ ($t = 1,295$, $df = 66$, ns.) Regarding sex, 61 young people are male and 14 female. There are no significant differences in terms of the distribution of sex by the two study groups ($\chi^2 = .132$, $df = 1$, ns.).

Procedure

This study is included in a research project that results from cooperation between the Research Unit Psychology and Health (UnIPSa), the Center for Research in Health Sciences (CICS), the Higher Institute of Health Sciences North (ISCS -N), CESPUN - Cooperative Higher Polytechnic and University, CRL (CESPU) and the Directorate-General for Social Reintegration (DGRS). The aim of this research project is to assess the impacts of the intervention that DGRS held with young people who came under guardianship monitoring in the process of education. The parameters evaluated in this project are: social skills, problem solving, motivation, cognitive distortions, feelings about the crime. In this context the zip code was used to measure cognitive distortions in young people above.

The sample for the group includes young offenders who were subject to an accompanying measure under the umbrella of education process and the data were collected by technicians Social Welfare, the Directorate General of Social Welfare, who carried out this monitoring.

The normative data were collected by employees of this research project in a private school in the area of Oporto.

Instrument

We used the questionnaire "How do I" (CEP) whose main features have already been mentioned above. It should be noted, however, that the CEP measures cognitive distortions of self-service in young people, aged between 13 and 20 years (Bogestad; Hagan, Kettler, 2009). The CEP consists of 54 items, with responses given in a 6-point Likert scale, corresponding to 1 to completely agree to strongly disagree and 6 (Barriga & Gibbs, 1996; Peale, 2007).

The questionnaire is self-fulfillment and may be administered individually or in groups and requires a reading level of 4th grade.

For the correct and objective of this instrument, it was necessary to request consent to the company that owns the rights instrument for the purpose of using this instrument in research, in this case the company Research Press. After consent was held to translate the instrument from English into Portuguese and their respective retroversion, by employees of this research project and under the guidance of Research Press, and a discussion took place with individuals spoken with the aged by CEP order to evade comprehension problems related to the items of the questionnaire.

Statistical analysis

Internal consistency is studied through the Cronbach's α . It is used Pearson correlation to study the correlations between the scales of the categories of cognitive distortions and antisocial behavior. As the descriptive statistics refers to the average and standard deviation, and the differences between the group of offenders in the normative group studied from the T-Student test for independent groups.

Results

The internal consistency of the EC, presented in Table 1, shows generally acceptable values. The Cronbach's α value of the CEP total is .78 and can be considered good. The value of Cronbach's α of .58 category AC is on the boundary between unacceptable and weak. The remaining cognitive distortions have Cronbach's α values acceptable, these values being slightly weaker in the case of CO and MRM and good for AP.

With regard to the four categories of antisocial behavior, the Cronbach's α values are all acceptable, being good for F, with a value of .84 and weak to AF, PO and M with values of .68, .60, .60, respectively.

The scale has an RA value of Cronbach's α of .55 is not acceptable. CP and CE scales have Cronbach's α values very good in .80 and .83, respectively, and the scale and presents Cronbach's α value of good, namely .79.

With regard to the descriptive statistics of the CEP, which is presented in Table 2, shows the group of offenders, on average, more cognitive distortions than the normative group. Indeed, the total value of the CEP in the group of offenders is $2.31 \pm .55$, while the normative group is $2.00 \pm .44$ ($t = 2.604$, $df = 68$, $p = .011$).

When comparing the values obtained by the group of offenders with the normative group on the scales for the categories of cognitive distortions, it is observed that no significant differences in AC, there is a tendency for the group of offenders have more than the MRM group normative and, finally, that the offenders have a mean higher than the normative population in CO and PA.

Indeed, the group of offenders, the average value of MRM is 2.21 ± 0.60 , while the average group of non-offenders is the observed mean of 1.98 ± 0.51 ($t = 1.787$, $df = 73$, $p = .078$)

In CO, the group of offenders has an average value of $2.41 \pm .58$ normative group and 2.04 ± 0.53 ($t = 2,906$, $df = 73$, $p = .005$). In AP, the mean values are found by 2.36 ± 0.60 , for the group of offenders, and 3.2 ± 0.51 , for the group of non-offenders ($t = 2.589$, $df = 73$, $p = .012$).

In relation to antisocial behavior, with the exception of F, offenders show higher average values than the normative population.

In PO, the mean values observed are 2.56 ± 0.56 and 2.14 ± 0.46 , in the group of offenders and the normative group, respectively ($t = 2.589$, $df = 73$, $p = .012$). For the AF group of offenders has an average of $2.56 \pm .68$ and the normative group 2.08 ± 0.40 ($t = 3.471$, $df = 42.080$, $p = .001$). Average for M is $2.56 \pm .70$ in the group of offenders and $8.2 \pm .43$ in the normative group ($t = 3.302$, $df = 43.249$, $p = .002$).

In the RA scale, the normative population shows a tendency to have a mean value greater than that of offenders, and the respective average of $3.07 \pm .61$ and $3.37 \pm .75$ ($t = 1.833$, $df = 73$, $p = .071$).

In relation to the normative group, the offenders have higher average values equal to EA and EC. Indeed, offenders in the EA value is $2.56 \pm .59$ while the normative population displays $2.11 \pm .40$ ($t = 3.695$, $df = 46,877$, $p = .001$).

The Pearson correlations between the scales of the categories of self-serving cognitive distortions, as well as the range of abnormal responses and positive charges are described in Table 3.

The primary self-serving cognitive distortion AC has a positive correlation, strong and very significant to all secondary cognitive distortions. Indeed the CA is correlated with CO ($r = .70$), MRM ($r = .73$), AP ($r = .63$). AC is also correlated with intensity so weak and statistically significant with RA ($r = .23$), in this case positively, and CP ($r = -.30$) negatively.

The self-serving cognitive distortion CO is positively correlated with a strong and very significantly with other cognitive distortions of self-service secondary. As CO, is correlated with MRM ($r = .75$) and AP ($r = .69$). CO is still negatively correlated weakly and so not statistically significant with RA ($r = -.03$) and CP ($r = -.17$).

With regard to MRM, this is positively and strongly correlated very significantly with AP ($r = .74$). Is still weakly correlated and not statistically significant way with RA ($r = .04$) and a moderate, statistically significant and negatively with CP ($r = -.37$).

The self-serving cognitive distortion AP is positively correlated weakly and not statistically significant with RA ($r = .07$) and weakly, negative and statistically significantly with CP ($r = -.29$).

Finally AR is positively correlated weakly and not statistically significant with CP ($r = .01$).

The Pearson correlations between the scales of the categories of antisocial behavior, as well as the range of abnormal responses and positive charges are described in Table 4.

The category has a positive correlation PO, strong and very significant to all other categories of antisocial behavior. Thus PO is correlated with AF ($r = .77$), M ($r = .71$) and F ($r = .58$). PO is also correlated with low intensity and so statistically significant and negatively with RA ($r = -.02$) and CP ($r = -.11$).

In AF the scale is positively correlated with a strong and very significantly with the other categories of antisocial behavior. AF is thus M ($r = .64$) and F ($r = .52$). AF is still positively correlated weakly and so not statistically significant with RA ($r = .04$) and CP ($r = -.11$), this time negatively.

For M, this is positively and moderately correlated very significantly with F ($r = .44$). It is still positively correlated, weak intensity and a statistically nonsignificant with RA ($r = .18$) and weakly statistically significant and negatively with CP ($r = -.15$).

The F scale is positively correlated weakly and not statistically significant with RA ($r = .15$) and in a strong, negative and statistically very significantly with CP ($r = -.57$).

Finally, AR is positively correlated weakly and not statistically significant with CP ($r = .01$).

In short, all the cognitive distortions and the categories of antisocial behavior are positively correlated with very high and very significantly from each other

Discussion of results

The CEP is an instrument, which was created to measure in an objective and reliable in this type of distortion offenders. Given that the purpose of this study refers to the psychometric properties of this questionnaire in the Portuguese population, it is necessary to frame the results achieved in international benchmarks.

Regarding the internal consistency of the EC concludes that the present study was a good value of Cronbach's α of the total CEP (.78), but which is below the values obtained in other studies, particularly in the belly and Gibbs (1996) corresponding to .96, Barriga, Gibbs, Liau and Potter (2001) which showed a value of .92, Nas, Brugman and Koops (2008) who obtained a value of .90 and Klatt (2008) which showed a value of α Cronbach's alpha of .94.

In relation to the categories of cognitive distortions and categories of antisocial behavior, this study was Cronbach's α values lower than studies Barriga and Gibbs (1996), Barriga, Gibbs, Liau and Potter (2001), but are tend to be close to the study of Nas, Brugman and Koops (2008).

In this study, when comparing the average values between the offender population and the population norms, there is the same trend of results that found in

international studies, or the average of the results of the offenders are superior to the normative population. These results are in the typological model of Gibbs, Potter, and Goldstein (1995), showing the tendency for offenders exhibited more cognitive distortions than the normative population.

Regarding the correlations between the scales of self-serving cognitive distortions, there were positive correlations in this study strong and significant order among all the cognitive distortions of self-service. The same was true with respect to correlations between the scales of the categories of antisocial behavior. Although the values of the correlations were slightly lower than the values obtained in the study by Barriga, Gibbs, Liao and Potter (2001), was found in both studies the same pattern of positive correlation of intensity strong and statistically significant between the categories of self-serving cognitive distortions and between the categories of antisocial behavior.

References

- Álvaro J. L., Garrido A.(2003). *Psicología Social – Perspectivas Psicológicas e Sociológicas*. McGraw Hill Interamericana de Espanha S.A.U.
- Barriga A., Gibbs J. (1996). *Measuring Cognitive Distortion in Antisocial Youth: Development and Preliminary Validation of the "How I Think" Questionnaire*. *Aggressive Behavior*. Volume 22, pages 333-343.
- Barriga A., Landau J., Stinson B., Liao A, Gibbs J. (2000). *Cognitive Distortion and Problem Behaviors in Adolescents*.
- Barriga A., Gibbs J. Liao A. (1998). *Relations Between Self-Serving Cognitive Distortions and Overt vs. Covert Antisocial Behavior in Adolescents*. *Aggressive Behavior*. Volume 24, pages 335-346.

- Barriga A., Gibbs J., Potter G., Liau A. (2001). *How I Think (HIT) Questionnaire Manual*. Research Press. 2612 North Mattis Avenue. Champaign, Illinois 61822 (800) 519- 2707.
- Bogestad A., Kettler R., Hagan M. (2009). *Evaluation of a Cognitive Intervention Program for Juvenile Offenders*. International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology.
- Beck, A. T. (2005). The current state of cognitive therapy: A 40-year retrospective. *Archives of General Psychiatry*, 62, 953-959.
- Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1994). *A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment*. Psychological Bulletin , 115, 74_101.
- Gibbs, J. (1991). *Sociomoral developmental delay and cognitive distortion: implications for treatment of anti-social youth*. Handbook of moral behaviour and development. Vol.3. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Ass. Publishers.
- Gibbs, J. (1993). The cognitive developmental perspective. Moral development. An Introduction. Boston: Allyn and Bacon.
- Gibbs, J., Potter, G., & Goldstein, A. P. (1995) *The EQUIP program: Teaching youth to think and act responsibly through a peerhelping approach*. Champaign, IL: Research Press.
- Nas C., Brugman D., Koops W. (2008). *Measuring Self-Serving Cognitive Distortions with the "How I Think" Questionnaire*. European Journal of Psychological Assessment. Vol. 24 (3): 181–189.
- Palmer E. (2003). *An overview of the relationship between moral reasoning and offending*. Australian Psychologist, volume 38 n°3 pp. 165-174.

Palmer E. (2005). *The relationship between moral reasoning and aggression, and the implications for practice*. *Psychology, Crime & Law*, December; 11(4): 353_361.

Sykes, G.M.; Matza, D. (1957). *Techniques of neutralization: A theory of delinquency*. *American sociological review*.

Yochelson, S. & S. Samenow. (1976). *The criminal personality – A profile for change*. Chicago: Rowman & Littlefield.

Yochelson, S. & S. Samenow. (1977). *The criminal personality: The change process*. Chicago: Jason Aronson.

Yochelson, S. & S. Samenow. (1986). *The criminal personality: The Drug User – Vol. 3*. Chicago: Jason Aronson.

Table 1: Cronbach α subscales of the CEP and the Portuguese study.

Scale	α Cronbach
CEP Total	.78
AC	.58
CO	.60
MRM	.63
AP	.72
PO	.60
AF	.68
M	.60
F	.84
RA	.55
CP	.80
EA	.79
EC	.83

Legend: CEP-How I Think (Full Scale), AC-Self-centered; CO-Blaming Others; MRM-Minimizing / Mislabeled, assuming the worst-AP, PO - Opposition Disorder, Physical Aggression-AF, M- Lying, Stealing, F, RA-anomalous responses; CP - positive charge; EA-Scale Open, EC-range covered.

Table 2: Descriptive statistics of the CEP in the Portuguese study.

Scales/ Study	Portuguese Study				
	D	ND	t	gl	p
CEP (escala total)	2.31±0.55	2.00±0.42	2.654	73	.010
AC	2.22±0.68	2.00±0.38	1.614	41.091	ns
CO	2.41±0.58	2.04±0.53	2.906	73	.005
MRM	2.21±0.60	1.98±0.51	1.787	73	.078
AP	2.36±0.60	2.03±0.51	2.589	73	.012
RA	3.07±0.61	3.37±0.75	1.833	73	.071
CP	5.43±0.58	4.92±0.76	3.121	73	.003
PO	2.56±0.56	2.14±0.46	3.560	73	.001
AF	2.56±0.68	2.08±0.40	3.471	42.080	.001
M	2.56±0.70	2.08±0.43	3.302	43.249	.002
F	1.66±0.71	1.77±0.59	0.746	73	ns
EA	2.56±0.59	2.11±0.40	3.695	46.877	.001
EC	2.04±0.61	1.90±0.47	1.076	73	ns

Legend: D - Offenders, ND - Not Criminals; CEP-How I Think (Full Scale), AC-Self-centered; CO-Blaming Others; MRM-Minimizing / Mislabeled; assume the worst-AP, PO - Disorder Opposition; AF-Physical Aggression, M-Lie; F - Stealing; RA-anomalous responses; CP - Positive Charge.

Table 3: Zero-Order Correlations (Pearson) between the scales of the categories of cognitive distortions.

Escala	1	2	3	4	5
1 AC	-				
2 CO	.70**	-			
3 MRM	.73**	.75**	-		
4 AP	.63**	.69**	.74**	-	
5 RA	.23*	-.03	.04	.07	-
6 CP	-.30**	-.17	-.37**	-.29*	.01

** p < .01, * p < .05

Legend: AC-Self-centered; CO-Blaming Others; MRM-Minimizing / Mislabeling; AP-assume the worst; RA-anomalous responses; CP-positive charge.

Table 4: Zero-Order Correlations (Pearson) between the scales of the categories of antisocial behavior.

Escala	1	2	3	4	5
1 PO	-				
2 AF	.77**	-			
3 M	.71**	.64**	-		
4 F	.58**	.52**	.44**	-	
5 RA	-.02	.04	.18	.15	-
6 CP	-.11	-.11	-.15	-.57**	.01

** p < .01, * p < .05

Legend: PO - Opposition Disorder, Physical Aggression-AF, M-Lie; F - Stealing; RA-anomalous responses; CP-positive charge.